

*coleção acervo brasileiro*

# Artur Azevedo

## CONTOS FORA DA MODA



*cadernos do mundo inteiro* |

*Coleção acervo brasileiro*

Volume 4, 2ª edição

# **CONTOS FORA DA MODA**

**ARTUR AZEVEDO**

*Projeto editorial integral*

**Eduardo Rodrigues Vianna**

*Imagem da capa*

A Rua Direita, atual Rua 1º de Março, Centro do Rio de Janeiro.  
Óleo sobre tela de Gustavo Dall'ara, 1907.

**CADERNOS DO MUNDO INTEIRO**

[cadernosdomundointeiro.com.br](http://cadernosdomundointeiro.com.br)

**2018**

Jundiaí, SP

# Sumário

<b>ESTE LIVRO</b> . . . . .	<b>5</b>
<b>LICENÇA</b> . . . . .	<b>6</b>
<b>NOTAS DO AUTOR</b> . . . . .	<b>7</b>
<b>1 O viúvo</b> . . . . .	<b>9</b>
<b>2 Romantismo</b> . . . . .	<b>14</b>
<b>3 Questão de honra</b> . . . . .	<b>21</b>
<b>4 A cozinheira</b> . . . . .	<b>26</b>
<b>5 Caiporismo</b> . . . . .	<b>32</b>
<b>6 Plebiscito</b> . . . . .	<b>34</b>
<b>7 A praia de Santa Luzia</b> . . . . .	<b>38</b>
<b>8 Black</b> . . . . .	<b>43</b>
<b>9 A filha do patrão</b> . . . . .	<b>46</b>
<b>10 Ardil</b> . . . . .	<b>52</b>
<b>11 Útil inda brincando</b> . . . . .	<b>56</b>
<b>12 Uma noite em Petrópolis</b> . . . . .	<b>64</b>
<b>13 Uma embaixada</b> . . . . .	<b>71</b>
<b>14 Vingança</b> . . . . .	<b>77</b>

<b>15 Como eu me diverti . . . . .</b>	<b>85</b>
<b>16 A “dona branca” . . . . .</b>	<b>91</b>
<b>17 O velho Lima . . . . .</b>	<b>96</b>
<b>18 A “réclame” . . . . .</b>	<b>100</b>
<b>19 O contrabando . . . . .</b>	<b>106</b>
<b>20 A água de Janos . . . . .</b>	<b>119</b>
<b>21 A Marcelina . . . . .</b>	<b>124</b>
<b>RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA . . . . .</b>	<b>129</b>

## ESTE LIVRO

*“O humor... O humor é o irmão da poesia.”*

Chico Anysio

**E**stes *Contos fora da moda* foram publicados pela Editora B. L. Garnier, no Rio, em 1984. Trata-se do décimo primeiro livro do maranhense Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855-1908), com duas dezenas de seus contos de comédia de costumes — próximos de seu teatro, o autor é mais visto como homem de teatro que como contista, ou como poeta. Os textos reunidos aqui pertencem aos últimos momentos do século XIX, e assim a toda a paisagem humana na nascente República.

# LICENÇA

A obra de Artur Azevedo encontra-se em domínio público, e este arquivo é um Recurso Educacional Aberto, REA, idealizado para ser utilizado, distribuído e modificado à vontade. Solicitamos apenas que, ao ser usado de algum desses modos, seja mencionada esta iniciativa editorial. A nossa editora Cadernos do Mundo Inteiro é a primeira do Brasil especializada em Recursos Educacionais Abertos, e queremos muito que os nossos pares, pessoas interessadas nos assuntos educacionais e culturais do Brasil, conheçam-nos. A edição deste arquivo e a atualização ortográfica do texto de Artur Azevedo são trabalho de Eduardo Rodrigues Vianna.



Creative Commons 4.0 Internacional,  
licença Zero: domínio público.  
*A utilização desta obra é livre  
para todas as finalidades.*

## NOTAS DO AUTOR

*“J’estime plus cela que la pompe fleurie  
De tous ces faux brillans ou chacun se récrie...”*  
(Eu estimo isto mais do que a pompa florida de todos  
os falsos brilhantes ante os quais vocês se extasiam.)  
Molière, *O misantropo*

\*\*\*

A Affonso Celso

A lisonjeira aceitação que tiveram os *Contos possíveis* anima-me a publicar os *Contos fora da moda*. Intitulei-os assim porque sou o primeiro a reconhecer que eles estão inteiramente afastados do atual movimento literário, isto é, foram escritos sem preocupação de psicologia nem ginástica de estilo. Dá que tos ofereça como uma prova insignificante, mas sincera, não só da velha amizade que te consagro, como da consideração em que tenho o teu caráter e o teu talento.

(1893, Artur Azevedo)

\*\*\*

A primeira edição deste livrinho de literatura amena logrou um êxito com que eu não contava. O editor comunicou-me que em menos de um mês desapareceram todos os exemplares expostos à venda, e a imprensa não foi menos generosa que o público. Apenas um jornalista agrediu a obra, mas esse mesmo fechava com as seguintes palavras o seu artigo de crítica: “De

resto, como simples obra recreativa, os *Contos fora da moda* têm seu valor especial.” Como outro não foi o meu intento senão fazer uma “simples obra recreativa”, bastava essa declaração de uma pena insuspeita para que eu autorizasse esta segunda edição.

(Abril de 1901, Artur Azevedo)



# 1

## O VIÚVO

NA VÉSPERA DE PARTIR para a Europa, o doutor Claudino, sem prever o fúnebre espetáculo de que ia ser testemunha, foi despedir-se do seu velho camarada Tertuliano.

Ao aproximar-se da casa, ouviu berreiro de crianças e mulheres, e a voz de Tertuliano, que dominava de vez em quando o alarido geral, soltando, num tom estrídulo e angustioso, esta palavra: “Xandoca”.

O doutor Claudino apressou o passo, e entrou muito aflito em casa do amigo.

Havia, efetivamente, motivo para toda aquela manifestação de desespero. Tertuliano acabava de enviuvar. Havia meia hora que dona Xandoca, vítima de uma febre puerperal, fechara os olhos para nunca mais abri-los.

O corpo, vestido de seda preta, as mãos cruzadas sobre o peito, estava colocado num canapé, na sala de visitas. À cabeceira, sobre uma pequena mesa coberta por uma toalha de rendas, duas velas de cera substituíam, aos dois lados de um crucifixo, o bom e o mau ladrão.

Tertuliano, abraçado ao cadáver, soluçava convulsivamente, e todo o seu corpo tremia como tocado por uma pilha elétrica. Os filhos, quatro crianças, a mais velha das quais teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.

Na sala havia um contínuo fluxo e refluxo de gente que entrava e saía, pessoas da vizinhança, chorando muito, e indivíduos que, passando na rua, ouviam gritar e entravam por

mera curiosidade.

O doutor Claudino estava impressionadíssimo. Caíra de supetão no meio daquele espetáculo comovedor, e contemplava atônito o cadáver da pobre senhora que, havia quatro dias, encontrara na Rua da Carioca, muito alegre, levando um filho pela mão e outro no ventre, arrastando vaidosa a sua maternidade feliz.

Tertuliano, mal que o viu, atirou-se-lhe nos braços, inundando-lhe de lágrimas a gola do casaco; o doutor Claudino estava atordoado, cego, com os vidros do pincenê embaciados pelo pranto, que tardou, mas veio discreta, reservadamente, como um pranto que não era da família.

— Isto foi uma surpresa... Uma dolorosa surpresa para mim — conseguiu dizer com a voz embargada pela comoção. — Parto amanhã para a Europa, no *Niger*... vinha despedir-me de ti... e dela... de dona Xandoca e... Vejo que... que... que...

E o doutor Claudino fez uma careta medonha para não soluçar.

— Dispõe de mim, meu velho; estou às tuas ordens, bem sabes.

— Obrigado — disse Tertuliano numa dessas intermitências que se notam nos maiores desabafos — ; o Rodrigo, aquele meu primo empregado no Foro, já foi tratar do enterro, que é amanhã às dez horas.

Fazendo grandes esforços para reprimir a explosão das lágrimas, o viúvo contou ao doutor Claudino todos os incidentes da rápida moléstia e da morte de dona Xandoca.

— Uma coisa inexplicável! Nunca a pobre criatura teve um parto tão feliz... A parteira não esperou cinco minutos... Uma criança gorda, bonita... Está lá em cima, no sótão... hás de vê-la. De repente, uma pontinha de febre que foi aumentando, aumentando... até vir o delírio... Mandei chamar o médico... Quando o médico chegou já ela agoniza... a... va!...

E Tertuliano, prorrompendo em soluços, abraçou-se de novo ao doutor Claudino.

No dia seguinte, a cena foi dolorosíssima. Antes de se fechar o caixão, Tertuliano quis que os filhos beijassem o cadáver, medonhamente intumescido e decomposto. Ninguém reconheceria dona Xandoca, tão simpática, tão graciosa, naquele montão informe de carne pútrida.

Fecharam o caixão, mas Tertuliano agarrou-se a ele e não o queria deixar sair, gritando: — Não consinto! Não quero que a levem daqui! — Foi preciso arrancá-lo à força e empurrá-lo para longe. Ele caiu e começou a escabujar no chão, soltando grandes gritos nervosos. Três senhoras caíram também com espetaculosos ataques. As crianças berravam. Choravam todos.

De volta do enterro, o doutor Claudino, conquanto muito atarefado com a viagem, não quis deixar de fazer uma última visita a Tertuliano.

Encontrou-o num estado lastimoso, sentado numa cadeira da sala de jantar, sem dar acordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mísero recém nascido, que a um canto da casa mamava sofregamente numa preta gorda.

— Tertuliano, adeus. Daqui a meia hora devo estar embarcado. Crê que, se pudesse, adiava a viagem para fazer-te companhia... Adeus!

O viúvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que nada exprimia; sacudiu molemente a mão, e murmurou:

— Adeus!

Às sete horas da noite o doutor Claudino, sentado na coberta do *Niger*, contemplando as ondas esplendidamente iluminadas pelo luar, pensava naquele olhar vago de Tertuliano, naquele adeus terrível, e pedia aos céus que o seu velho camarada não houvesse enlouquecido.

Meses depois, a exposição de Paris atordoava-o; mas de vez em quando, lá mesmo, na Galeria das Máquinas, no Palácio das Artes, ou na Torre Eiffel, voltava-lhe ao espírito a lembrança daquela cena desoladora do viúvo rodeado pelos orfãos, e repercutia-lhe dentro d'alma o som daquele adeus pungente e indefinível.

Interessava-se muito por Tertuliano. Escreveu-lhe um dia, mas não obteve resposta. Pobre rapaz! Viveria ainda? A sua razão teria resistido àquele embate violento?

Depois de um ano e quatro meses de ausência, o doutor Claudino voltou da Europa, e sua primeira visita foi para Tertuliano, que morava ainda na mesma casa.

Mandaram-no entrar para a sala de jantar. Tertuliano estava sentado numa cadeira, sem dar acôrdo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mais pequenito, que estava muito esperto, brincando no colo da preta gorda.

— Tertuliano? — balbuciou o doutor Claudino.

O viúvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que nada exprimia; sacudiu molemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

Depois, dir-se-ia que se fizera subitamente a luz no seu espírito embrutecido. Ele ergueu-se de um salto, gritando:

— Claudino — , e atirou-se nos braços do velho camarada, exclamando entre lágrimas:

— Ah, meu amigo! Perdi minha mulher! . . .

— Sim, já sei, mas já tinhas tempo de estar mais consolado. . . Que diabo! Sê homem! Já lá se vão quatorze meses!

— Como, quatorze meses? Seis dias. . .

— Ora essa! Pois não te lembras que acompanhei o enterro de dona Xandoca?

— Ah, tu falas da Xandoca... Mas há três meses casei-me com outra... a filha do Major Seabra, há seis dias estou viú... ú... vo!

E Tertuliano, prorrompendo em soluços, abraçou de novo ao doutor Claudino.

## 2

# ROMANTISMO

### I

— ENTÃO, RODOLFO, DECIDIDAMENTE, não te casas com a viúva Santos?

— Nem com ela, nem com outra qualquer. E peço-lhe, meu pai, que não insista sobre esse ponto, para poupar-lhe o desgosto de contrariá-lo. O casamento assusta-me; é a destruição de todos os sonhos, o aniquilamento de todas as ilusões. Deixe-me sonhar ainda. Tenho apenas vinte e cinco anos.

— Tu o que tens é uma carga de romantismo e preguiça, que me aborrece deveras. O teu prazer, meu mariola, é andar envolvido em aventuras de novela, desencaminhando senhoras casadas, procurando amores misteriosos e noturnos, paixões de horas mortas, de chapéu desabado e capa. Olha que um dia vem a casa abaixo! Don Juan, quando menos pensava, lá se foi para as profundas do inferno!

— Entretanto — observou Rodolfo a sorrir —, Don Juan também usava capa, e dizem que quem tem capa sempre escapa.

— Ri-te! Ri-te! Um dia hás de chorar!

E o doutor Sepúlveda pôs-se a medir com largos passos nervosos o assoalho do gabinete.

De repente estacou, sentou-se, e, voltando-se para o filho:

— Que diabo! — disse. — A viúva Santos é uma das senhoras mais lindas que conheço! Não se diga que te estou metendo

à cara um estupor!

— Fosse a própria Vênus!

— É mais, muito mais, porque a Vênus não tinha duzentos contos de réis em prédios e apólices.

— Ora, sou bastante rico, e o senhor, meu pai, não sabe o que há de fazer do dinheiro. A sua banca de advogado rende-lhe uma fortuna todos os anos e eu tenho a satisfação de lhe lembrar que sou filho único.

— A minha banca, maluco, há muito tempo não rende o que rendia no tempo em que os cães andavam com linguças no pescoço. O que te ficou por morte da tua mãe, e o que te posso dar, ou deixar, é pouco para a tua dispendiosa vida de rapaz romântico, anacrônico e serôdio.

— Tenho ainda meu padrinho, o general.

— Pois sim! Teu padrinho é muito bom, sim senhor, muita festa pra festa, meu afilhado pra cá, meu afilhado pra lá, mas olha que daquela mata não sai coelho.

— É extraordinário o interesse que o senhor toma por essa viúva Santos!

— Não é por ela, é por ti, pedaço de asno! Vocês foram feitos um para o outro, acredita, e o que mais lhe agrada na tua pessoa é justamente esse feitio que tens, de Antony de edição barata.<sup>1</sup>

— Ela nunca me viu.

— Nunca te viu, mas conhece-te. Pois se não lhe falo senão do meu Rodolfo!

Levei-lhe a tua fotografia, aquela maior... do Pacheco... Aquela em que estás tão bonito, que até me parece a tua mãe...

---

<sup>1</sup>O autor se refere à obra romântica de Alexandre Dumas, a peça teatral *Antony*. O protagonista é um jovem belo e rico, amante de certa senhora Adela, enredada em um casamento de conveniência; o dramalhão prossegue de maneira que Antony vá provando à mulher a sua paixão, o seu valor, enfim, todos aqueles atributos do herói imaginado pelo romantismo, o mocinho, o galã, sempre a um passo de morrer de amores. [Nota do Editor.]

— Que tolice! Minha mãe, com bigodes!

— Os bigodes não, mas os olhos, a boca e o nariz parecem tirados de uma cara e pregados na outra.

— Mas se o senhor lhe levou o meu retrato, por que não me trouxe o dela?

— Disso me lembrei eu. Infelizmente nunca se fotografou. Se eu lhe apanhasse o retrato, oh, oh! Mostrava-to, e estou certo que não resistirias.

— O senhor mete-me medo! Para evitar uma asneira de minha parte, hei de fugir da viúva Santos como o diabo da cruz!

— Disseste que me interesse por ela; e quando me interessasse? Não é filha de um bom camarada, o Teles, que morou comigo quando éramos estudantes, e se formou em Olinda no mesmo dia que eu? Não imaginas o prazer que tive quando recebi uma carta de Rosalina — ela chama-se Rosalina — dizendo-me: “Venha ver-me; quero conhecer um dos melhores amigos de meu pobre pai”.

— O pai é morto?

— Há muitos anos. Morreu juiz municipal nas Alagoas. Deixou a mulher e os filhos na mais completa pobreza, mas os rapazes arranjaram-se no comércio, e lá estão em Pernambuco em companhia da mãe. A Rosalina, essa casou-se com um negociante aqui do Rio, o Santos, que a viu por acaso uma vez que teve de ir a Pernambuco tratar de negócios.

O doutor Sepúlveda aproximou a sua cadeira para mais perto do filho e comentou:

— Alguém disse que a viúva é como a casa que está para alugar: há sempre lá dentro alguma coisa esquecida pelo antigo inquilino. Bem vejo, meu filho: o que te desgosta é esse Santos, esse marido, esse inquilino; pois não tens razão. O casamento de Rosalina foi obra dos irmãos — um casamento de conveniência. A pobre rapariga sacrificou-se à felicidade



dos seus. O coração entrou ali como Pilatos no Credo. Oito dias depois de casados, os noivos vieram para o Rio de Janeiro. Seis meses depois morreu o marido, mas antes disso teve a boa ideia de chamar um tabelião e fazer testamento em favor dela. Ofereço-te um coração virgem, meu rapaz; aceita-o, e com isso darás muito prazer a teu pai e ao general, teu padrinho, que consultei a esse respeito, e é inteiramente da minha opinião.

Rodolfo ergueu-se, espreguiçou-se longamente, e disse, com os braços estendidos, e a boca aberta num horroroso bocejo:

— Ora, meu pai, não falemos mais nisso.

E não falaram mais nisso.

O doutor Sepúlveda foi ter com o general, e contou-lhe a relutância do afilhado.

— Mas hei de teimar, seu compadre, hei de teimar!

— Não teime. Você não arranja nada. Aquele que está ali não se casa nem à mão de Deus Padre.

— É o que havemos de ver, seu compadre, é o que havemos de ver...

## II

Dois dias depois, Rodolfo sentia-se abalado pela insistência paterna, e estava quase disposto a pedir ao doutor Sepúlveda que o apresentasse à viúva Santos, quando o correio urbano lhe trouxe uma carta concebida nos seguintes termos:

Rodolfo — Se não é medroso, esteja amanhã, quinta-feira, às 8 horas da noite, no largo da Lapa, junto ao chafariz. Ali encontrará uma senhora idosa, vestida de preto, com o rosto coberto por um véu. Faça o que ela indicar. Trata-se de sua felicidade.

A carta escrita com letra de mulher, em papel finíssimo, não tinha assinatura, e exalava um delicioso perfume aristocrata.

Rodolfo leu-a, releu-a três vezes, e guardou-a cuidadosamente. Ocioso é dizer que a viúva Santos varreu-se inteiramente da sua imaginação, excitada agora pelo misterioso da aventura que lhe propunham.

Foi ao largo da Lapa. Por que não havia de ir? Poderia reccar uma cilada?

Ora! No Rio de Janeiro não há torres de Nesle nem Margaridas de Borgonha.<sup>2</sup> Já lá encontrou a velha, junto do chafariz. Ela foi ao seu encontro, cumprimentou-o, e, dirigindo-se a um *coupé*<sup>3</sup> estacionado a alguns passos de distância, abriu a portinhola e com um gesto convidou-o a entrar. Rodolfo não hesitou um segundo; entrou; a velha entrou também, e o *coupé* rodou na direção do Passeio Público.

— Aonde vamos? — perguntou ele.

A velha disse-lhe por gestos que era muda, e abaixou os estores.

Rodolfo percebeu que o carro entrou na Rua das Marrecas, e dobrou a dos Barbonos; depois não pode saber ao certo se tomou a Rua dos Arcos ou a de Riachuelo. As rodas moviam-se vertiginosamente. De vez em quando dobravam uma esquina. Dez minutos depois, o moço ignorava completamente se se achava em caminho de Botafogo ou de Vila Isabel, da Tijuca ou do Saco do Alferes. Quis levantar um estore. A velha opôs-se com um gesto precipitado e enérgico. Ele caiu resignadamente no fundo do carro, e deixou-se levar.

Ora, adeus!

A viagem durou seguramente uma hora. Quando o *coupé* estacou, a velha ergueu-se, tirou um lenço da algibeira, e tapou os olhos do moço, que se deixou vendar humildemente, sem proferir uma palavra.

---

<sup>2</sup>Na Torre de Nesle, na França, ocorreu uma trama sexual escandalosa, que resultou na prisão perpétua das princesas Margarida de Borgonha e Branca de Borgonha. Quanto aos seus amantes, foram condenados à morte. [N. do E.]

<sup>3</sup>Carruagem para um ou dois passageiros, puxada por dois cavalos. [N. do E.]

Ela ajudou-o a descer, e levou-o pela mão, sempre de olhos tapados, como Raul de Nagis nos *Huguenotes*.<sup>4</sup>

Pelo cascalho que pisava e pelo aroma que sentia, Rodolfo adivinhou que estava num jardim, caminhando em deliciosa alameda.

Depois de andar cinco minutos, guiado sempre pela mão encarquilhada da velha, esta murmurou baixinho: — Adeus, seja feliz! — e afastou-se. Ao mesmo tempo, uma voz argentina, uma voz de mulher que parecia vir do alto e soou musicalmente aos seus ouvidos, disse-lhe: — Desvenda-te, Rodolfo.

Ele arrancou o lenço dos olhos. Estava efetivamente num jardim, defronte de uma das partes laterais de um belo prédio moderno. A lua, iluminando suavemente aquele magnífico cenário, batia de chofre na sacada em que se achava uma mulher vestida de branco com os cabelos soltos.

— Onde estou eu? — perguntou ele, e olhou para o horizonte, a ver se algum morro conhecido o orientava. Nada! Nos fundos da casa erguia-se, é verdade, um morro, mas tão próximo e tão alto, que o moço, do lugar em que se achava, não lhe podia notar a configuração.

— Onde estou eu? — repetiu.

Por única resposta a mulher de cabelos soltos deixou cair uma escada de seda, cuja extremidade ficou presa à sacada; e Rodolfo subiu por ela com mais presteza do que o faria o próprio Romeu.

Ao entrar na alcova, fracamente iluminada pela meia luz de um bico de gás, ficou deslumbradíssimo. Estava diante de um prodígio de formosura! O pasmo embargou-lhe a fala; quis soluçar um madrigal, e não teve uma palavra, uma sílaba, um som inarticulado!

---

<sup>4</sup>Refere-se à ópera *Les Huguenots*, do alemão Giacomo Meyerbeer, sobre as lutas religiosas na França do séc. XVI, que culminaram no extermínio dos protestantes. [N. do E.]

— Amo-te — disse ela com uma voz que mais parecia um ciciar de brisa; amo-te muito, Rodolfo, e quero que também me ames.

— Oh! Sim, sim... quem quer que sejas... eu amo-te, e...

Uma gargalhada o interrompeu. Era o doutor Sepúlveda que entrava na alcova e dava mais luz ao bico de gás.

— Meu pai!

— Teu pai, sim, meu romântico. Era esse o único meio de te fazer cá vir. Ora aqui tens a viúva Santos. Agora recua, se és homem!

O casamento ficou definitivamente tratado naquela mesma noite.

### III

No dia seguinte o doutor Sepúlveda, nadando em júbilo, foi ter com o general e contou-lhe tudo.

— Então? Não lhe dizia, seu compadre?

— Ora muito obrigado! — respondeu o outro com a sua rude franqueza de velho militar; por esse processo você poderia casá-lo até com a Chica Polca!<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>A compositora Chiquinha Gonzaga (1847-1935), amiga do autor. [N. do E.]

### 3

## QUESTÃO DE HONRA

ERAM SETE HORAS DA MANHÃ. Braga Lopes, sentado numa deliciosa *chaise longue*,<sup>6</sup> brunia as unhas e contemplava, pela janela do gabinete, o Pão de Açúcar, que por um belo efeito de luz parecia de madrepérola.

Angélica entrou no gabinete e bateu de leve no ombro do marido.

— Preciso de quinhentos mil-réis.

— Já?

— Já.

Por única resposta, Braga Lopes apontou para uma carta aberta sobre a secretária de pau-rosa.

Angélica leu: o senhorio reclamava, em termos violentos, não sei quantos meses atrasados do aluguel do prédio nobre.

A moça encolheu os ombros, saiu arrebatadamente e mandou atrelar.

Fez ligeira, mas elegante *toilette* de passeio e, calçando as luvas de pele da Suécia, recomendou ao engravatado copeiro que não a esperasse para almoçar.

O marido ouviu rodar o *coupé* e chegou à janela. Acompanhou com a vista o trajeto do carro em quase toda a curva da praia de Botafogo, até que o viu desaparecer na rua Marquês de Abrantes.

“Aonde irá ela arranjar quinhentos mil-réis a estas horas?”, pensou, e, sentando-se de novo, recomeçou a sua ocupação pre-

---

<sup>6</sup>Divã. [N. do E.]

dileta — brunir as unhas.

Ao entrar no *coupé*, Angélica dissera ao boleeiro:

— Vamos à baronesa.

A baronesa ainda estava no leito. Angélica foi introduzida no dormitório.

— Preciso de quinhentos mil-réis.

— Já?

— Já.

— Impossível, minha amiga; o barão está em Petrópolis.

— Petrópolis em junho!

— Foi a negócio e não a passeio. O dinheiro está com ele, bem sabes. Sinto não te poder servir neste momento, como noutras ocasiões o tenho feito. Não é a primeira vez que tu...

— Bem... desculpe... Adeus, baronesa.

Angélica a sair e o barão a entrar.

— Oh, madame Braga Lopes! A que acaso devemos tão feliz matinal visita?

— Não tinha ido para Petrópolis, barão?

— Petrópolis em junho! *Jamais de la vie!* Seria ridículo! Saí muito cedo por necessidade e só contava estar de volta ao meio-dia. Esteve com a baronesa?

— Sim, senhor barão; passe bem.

E Angélica, mordendo os beiços de raiva, entrou rapidamente no *coupé* cuja portinhola o barão abriu pressuroso com a mão esquerda, enquanto a direita fazia o chapéu descrever uma pequena reta, muito graciosa, à inglesa.

O boleeiro voltou-se para receber as ordens da patroa.

— Vamos às Guedes.

O barão fechou a portinhola, e o carro pôs-se em movimento.

As Guedes eram três irmãs solteironas. Moravam na rua do Conde, perto de Catumbi.

Angélica esperou por elas durante quarenta minutos. Empregou todo esse tempo a passear de um lado para outro, muito contrariada por se ver ali, numa rua tão burguesa, naquela velha sala sem tapeçarias, nem reposteiros, nem bibelôs, fastidiosa com a sua esmagadora mobília de jacarandá e os seus venerandos castiçais de prata, resguardados em monstruosas mangas de vidro.

Numa velhíssima tela, o pai das Guedes, pintado a óleo, muito sério, inteiramente barbeado, de óculos, o pescoço escondido numa abundante gravata de cinco voltas, as mangas da casaca muito apertadas, as mãos a emergirem das rendas dos manguitos, olhava fixamente para Angélica, e parecia dizer-lhe:

— Que vens aqui fazer? Não arranjas nada!

Afinal apareceram as Guedes. Entraram as três ao mesmo tempo, com pequeninos gritos de surpresa alegre, fazendo um gasto enorme de beijos, abraços, pancadinhas de amor e frases candongueiras: Mas que milagre é este? Por isso é que o dia está tão bonito! Vou mandar repicar os sinos!

— Sente-se, dona Angélica.

— Não; a demora é pequena. Vinha pedir-lhes um grande obséquio. Preciso de quinhentos mil-réis.

As Guedes entreolharam-se estupefatas.

A recusa foi categórica e formal. Não podiam naquela ocasião dispor nem de quinhentos réis, quanto mais de quinhentos mil-réis. A “pouca vergonha” de 13 de maio deixara-as quase na miséria.<sup>7</sup> Se não possuíssem aquela “humilde choupana” e mais dois sobrados na Rua dos Pescadores, estariam reduzidas a miséria.

Angélica saiu despeitadíssima; entretanto, não desanimou. O passivo e solícito cocheiro levou-a ainda à presença de seis

---

<sup>7</sup>A “pouca vergonha” de que as irmãs Guedes se ressentiam era a abolição da escravidão. [N. do E.]

amigas ricas, e todas lhe disseram não! Em toda parte a mísera encontrava esse monossílabo terrível!

Ao meio-dia, humilhada, indisposta, em jejum, com os nervos excitados por aquela violenta caçada, por aquele perseguir uma quantia miserável, que lhe fugia das mãos obstinadamente, a pobre Angélica teve um gesto expressivo e supremo de resolução e coragem.

Alguns minutos depois, o *coupé* deixava-a no Largo de São Francisco. Ela tomou a pé a Rua do Rosário, atravessou a da Quitanda, dobrou a da Alfândega e, sobressaltada, palpitante, com muito medo de que a vissem, entrou precipitadamente num casarão de dois andares.

No corredor hesitou alguns segundos antes de subir; mas, enchendo-se de ânimo, galgou ligeiramente as escadas até o segundo andar. Abriram-lhe logo a porta, e ela, trêmula, ofegante, com as mãos muito frias, sem poder proferir uma palavra, caiu nos braços de um homem, que a recebeu com um beijo e lhe disse:

— Estava escrito que mais dia menos dia a senhora se compadeceria dos meus tormentos. . .

— O que me traz à sua casa é uma questão de honra; conto com a sua discrição e o seu cavalheirismo. Preciso de. . .

Angélica envergonhou-se de se vender por tão pouco e quadruplicou a quantia:

— Preciso de dois contos de réis.

— Já?

— Já.

O relógio da Candelária batia duas horas quando mme. Braga Lopes, perfeitamente almoçada, desceu as escadas da casa da Rua da Alfândega.

Pode ser que o arrependimento aparecesse mais tarde; naquele momento ela era toda satisfação e triunfo.



A gentil pecadora entrou radiante na Rua do Ouvidor, e foi ter ao Palais Royal.

— Ainda aí está? — perguntou a um dos caixeiros da loja, com receio de que mais uma vez lhe dissessem não.

— Ainda, e às suas ordens.

— Bom — acrescentou ela, depois de um prolongado suspiro —, aqui estão os quinhentos mil-réis. Mande-mo à casa.

— Com efeito! — exclamou Braga Lopes quando Angélica lhe apareceu às três horas. — Com efeito! Passaste o dia inteiro na rua!

— Sim, vê lá se achas que uma mulher, que só tem brilhantes falsos e joias de pechisbeque, possa facilmente arranjar quinhentos mil-réis. . .

— Mas para que precisavas tu desse dinheiro? — perguntou indiferentemente o extraordinário marido.

— Uma questão de honra, meu amigo. Imagina que me apaixonei por um vestido que vi ontem na vitrine do Palais Royal; imagina que a Laurita Lobo queria por força ficar com ele; imagina que o dono da loja declarou que o entregaria à primeira das duas que lhe levasse quinhentos mil-réis!

— Ah, bom! Assim, sim — obtemperou Braga Lopes, que recomeçou fleumaticamente a sua ocupação predileta: brunir as unhas.

# 4

## A COZINHEIRA

### I

ARAÚJO ENTROU EM CASA alegre como passarinho. Atraves-  
sou o corredor cantarolando a Mascote, penetrou na sala de  
jantar, e atirou para cima do aparador de *vieux-chêne*<sup>8</sup> um  
grande embrulho quadrado; mas, de repente, deixou de canta-  
rolar e ficou muito sério: a mesa não estava posta! Consultou  
o relógio: eram cinco e meia.

— Então que é isto? São estas horas e a mesa ainda neste  
estado! Maricas!

Maricas entrou, arrastando lentamente uma elegante bata  
de seda.

Araújo deu-lhe o beijo conjugal, que há três anos estalava  
todo dia à mesma hora, invariavelmente — e interpelou-a:

— Então, o jantar.

— Pois sim, espera por ele!

— Alguma novidade?

— A Josefa tomou um pileque onça, e foi-se embora sem ao  
menos deitar as panelas no fogo!

Araújo caiu aniquilado na cadeira de balanço. Já tardava!  
A Josefa servia-os há dois meses, e as outras cozinheiras não  
tinham lá parado nem oito dias!

— Diabo — dizia ele irritadíssimo —; diabo!

---

<sup>8</sup>Extrato natural que serve para escurecer madeiras, ou a madeira escurecida por  
esse processo. [N. do E.]

E lembrava-se da terrível estopada que o esperava no dia seguinte: agarrar no Jornal do Comércio, meter-se num túburi,<sup>9</sup> e subir cinquenta escadas à procura de uma cozinheira!

Ainda da última vez tinha sido um verdadeiro inferno! — Papapá! — Quem bate? — Foi aqui que anunciaram uma cozinheira? — Foi, mas já está alugada. — Repetiu-se esta cena um ror de vezes!

— Vai a uma agência, aconselhou Maricas.

— Ora muito obrigado! Bem sabes o que temos sofrido com as tais agências. Não há nada pior.

E enquanto Araújo, muito contrariado, agitava nervosamente a ponta do pé e dava pequenos estalidos de língua, Maricas abria o embrulho que ele ao entrar deixara sobre o aparador...

— Oh, como é lindo! — Exclamou extasiada diante de um magnífico chapéu de palha, com muitas fitas e muitas flores. Há de me ficar muito bem. Decididamente és um homem de gosto!

E, sentando-se no colo de Araújo, agradecia-lhe com beijos e carícias o inesperado mimo. Ele deixava-se beijar friamente, repetindo sempre:

— Diabo! Diabo!...

— Não te amofines assim por causa de uma cozinheira.

— Dizes isso porque não és tu que vais correr a via sacra à procura de outra.

— Se queres, irei; não me custa.

— Não! Deus me livre de dar-te essa maçada. Irei eu mesmo.

Ergueram-se ambos. Ele parecia agora mais resignado, e disse:

— Ora, adeus! Vamos jantar num hotel!

---

<sup>9</sup>Carruagem simples, para duas pessoas, provida de uma capota e puxada por um só animal. [N. do E.]

- Apoiado! Em qual há de ser?
- No Daury. É o que está mais perto. Ir agora à cidade seria uma grande maçada.
- Está dito: vamos ao Daury.
- Vai te vestir.

Às oito horas da noite Araújo e Maricas voltaram do Daury perfeitamente jantados e puseram-se à fresca.

Ela mandou iluminar a sala, e foi para o piano assassinar miseravelmente a marcha da Aída; ele, deitado num soberbo divã estofado, saboreando o seu Rondueles, contemplava uma finíssima gravura de Goupil, que enfeitava a parede fronteira, e lembrava-se do dinheirão que gastara para mobiliar a ornar aquele bonito chalé da Rua do Matoso.

Às dez horas recolheram-se ambos. Largo e suntuoso leito de jacarandá e pau-rosa, sob um dossel de seda, entre cortinas de rendas, oferecia-lhes o inefável conchego das suas colchas adamascadas.

À primeira pancada da meia-noite, Araújo ergue-se de um salto, obedecendo a um movimento instintivo. Vestiu-se, pôs o chapéu, deu um beijo de despedida em Maricas, que dormia profundamente, e saiu de casa com mil cuidados para não despertá-la.

A uns cinquenta passos de distância, dissimulado na sombra, estava um homem cujo vulto se aproximou à medida que o dono da casa se afastava. . .

Quando o som dos passos de Araújo se perdeu de todo no silêncio e ele desapareceu na escuridão da noite, o outro tirou uma chave do bolso, abriu a porta do chalé, e entrou. . .

Na ocasião em que se voltava para fechar a porta, a luz do lampião fronteiro bateu-lhe em cheio no rosto; se alguém houvesse defronte, veria no misterioso noctívago um formoso rapaz de vinte anos.

Entretanto, Araújo desceu a Rua Matriz e Barros, subiu a de São Cristóvão, e um quarto de hora depois entrava numa casinha de aparência pobre.

## II

Dormiam as crianças, mas dona Ernestina de Araújo ainda estava acordada.

O esposo deu-lhe o beijo convencional, um beijo apressado, que tinha uma tradição de quinze anos, e começou a despir-se para deitar-se. Araújo levava grande parte da vida a mudar de roupa.

— Venho achar-te acordada: isso é novidade!

— É novidade, é. A Jacinta deu-lhe hoje para embebedar-se, e saiu sem aprontar o jantar. Fiquei em casa sozinha com as crianças.

— Oh, Senhor, é sina minha andar atrás de cozinheiras!

— Não te aflijas: eu mesma irei amanhã procurar outra.

— Naturalmente, pois se não fores, nem eu, que não estou para maçadas!

Depois que o marido se deitou, dona Ernestina, timidamente:

— E o meu chapéu? perguntou; compraste-o?

— Que chapéu?

— O chapéu que te pedi.

— Ah? já não me lembrava... Daqui a uns dias... Ando muito arrebetado...

— É que o outro já está tão velho...

— Vai-te arranjanando com ele, e tem paciência... Depois, depois...

— Bom... quando puderes.

E adormeceram.

Logo pela manhã a pobre senhora pôs o seu chapéu velho e saiu por um lado, enquanto o seu marido saía por outro, ambos à procura de cozinheira.

Os pequenos ficaram na escola.

Os rendimentos de Araújo davam-lhe para sustentar aquelas duas casas. Ele almoçava com a mulher e jantava com a amante. Ficava até a meia-noite em casa desta, e entrava de madrugada no lar doméstico.

A amante vivia num bonito chalé, a família morava numa velha casinha arruinada e suja. Na casa da mão esquerda havia o luxo, o conforto, o bem-estar; na casa da mão direita reinava a mais severa economia. Ali os guardanapos eram de linho; aqui os lençóis de algodão. Na Rua do Matoso havia sempre o supérfluo; na Rua de São Cristóvão muitas vezes faltava o necessário.

Araújo prontamente arranjou cozinheira para a Rua do Matoso, e à meia-noite encontrou a esposa muito satisfeita:

— Queres saber, Araújo? Dei no vinte!<sup>10</sup> Achei uma excelente cozinheira!

— Sério?

— Que jantar esplêndido! Há muito tempo não comia tão bem! Esta não me sai mais de casa.

Pela manhã, a nova cozinheira veio trazer o café para o patrão, que se achava ainda recolhido, lendo a Gazeta. A senhora estava no banho; os meninos tinham ido para a escola.

— Eh, eh! Meu amo, é vosmecê que é dono da casa?

Araújo levantou os olhos; era a Josefa, a cozinheira que tinha estado em casa de Maricas!

— Cala-te, diabo! Não digas que me conheces!

— Sim, sinhô.

— Com que então tomaste anteontem um pileque onça e nos deixaste sem jantar, hein?

<sup>10</sup>Acertar em cheio, “na mosca.” [N. do E.]

— Mentira sé, meu amo; Josefa nunca tomou pileque. Minha ama foi que me botou pra fora!

— Oras essa! Por quê?

— Ela me xingou pro via das compra, e eu ameacei ela de dizê tudo a vosmecê.

— Tudo, o quê?

— A história do estudante que entra em casa à meia-noite quando vosmecê sai.

— Cala-te! — disse vivamente Araújo, ouvindo os passos de dona Ernestina, que voltava do banho.

O nosso herói prontamente se convenceu de que a Josefa lhe havia dito a verdade. Em poucos dias desembarçou-se da amante, deu melhor casa à mulher e aos filhos, começou a jantar em família, e hoje não sai à noite sem dona Ernestina. Tomou juízo e vergonha.

## 5

# CAIPORISMO

NAQUELE DIA O LADISLAU entrou em casa radiante e alegre. A sua cara-metade, não habituada a isso, perguntou-lhe se tinha visto passarinho verde.

— Não, não vi passarinho verde, mas calcula que... Ainda me parece um sonho!...

— Mas que foi, homem de Deus?

— Tu sabes que eu sou o maior caipora<sup>11</sup> em tudo quanto é jogo... Em Caxambu — lembraste? — todos ganhavam, menos eu, e o processo era muito simples: jogavam onde eu não jogava. Bastava que eu pusesse uma fichazinha num número para que ele ficasse abandonado pelos demais pontos! Já toda a gente sabia que o diabo do número não safa nem a cacete!

— Mas que te aconteceu? Estou morta de curiosidade! Tiraste algum prêmio na loteria?

— Oh, a loteria!... a loteria é outra!... Bem sabes que ainda não me foi dada a satisfação de comprar um bilhete e tirar, não a sorte grande, não um prêmio qualquer, mas o mesmo dinheiro! Não sei o gosto que isso tem!

— Na realidade és muito caipora.

— E os bichos? Se jogo na borboleta, dá o elefante; se arisco cinco ou dez mil-réis na águia, é contar que sai o burro!... Sempre contrastes, sempre antíteses!

— Mas não me dirás?

---

<sup>11</sup>Azarado. Caiporismo é o azar contumaz, azar crônico, que não larga a vítima em nenhuma hipótese. [N. do E.]



— O Balisa, aquele alfaiate da Rua do Ouvidor, que me fez o terno marrom — sabes? —, organizou um “clube de roupas” a cinco mil-réis por semana, e instou comigo para que eu entrasse. Entrei, paguei a primeira prestação, e saiu o meu número! Comprei por cinco mil-réis um terno que vale duzentos!

— Deveras?

— É o que te digo! Já tomei medida! Desta vez não fui caipora!

— Ainda bem!

— O Balisa pediu-me que continuasse, e eu continuei: paguei já a primeira prestação para outro terno.

Três meses depois desse diálogo, o Ladislau já tinha pago integralmente os duzentos mil-réis do segundo terno, e o alfaiate não lhe dera ainda o primeiro: desculpava-se com o mestre da oficina, com a grande quantidade de roupa que tinha a entregar, e hoje-amanhã, hoje-amanhã, passaram-se dias, semanas, e nada...

Um dia o Ladislau saiu de casa disposto a zangar-se com o Balisa: se não tivesse para ali os ternos, ou pelo menos um, faria um tempo quente! Pois se estava tão precisado de roupa!

Mas qual foi a sua surpresa quando, ao chegar à loja, encontrou a porta fechada.

Um vizinho informou-o de que o alfaiate morrera falido e na miséria, sem ter em casa fazenda que chegasse para a terça parte dos ternos que devia.

E o Ladislau se convenceu de que ter apanhado calça, colete e paletó por cinco mil-réis foi ainda uma pirraça do seu medonho caiporismo.

## 6

# PLEBISCITO

A CENA PASSA-SE EM 1890.

A família está toda reunida na sala de jantar.

O senhor Rodrigues palita os dentes, repimpado numa cadeira de balanço. Acabou de comer como um abade.

Dona Bernardina, sua esposa, está muito entretida a limpar a gaiola de um canário belga.

Os pequenos são dois, um menino e uma menina. Ela distrai-se a olhar para o canário. Ele, encostado à mesa, os pés cruzados, lê com muita atenção uma das nossas folhas diárias.

Silêncio.

De repente, o menino levanta a cabeça e pergunta:

— Papai, que é plebiscito?

O senhor Rodrigues fecha os olhos imediatamente para fingir que dorme. O pequeno insiste:

— Papai?

Pausa:

— Papai?

Dona Bernardina intervém:

— Ó seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando. Não durma depois do jantar que lhe faz mal.

O senhor Rodrigues não tem remédio senão abrir os olhos.

— Que é? Que desejam vocês?

— Eu queria que papai me dissesse o que é plebiscito.

— Ora essa, rapaz! Então tu vais fazer doze anos, e não sabes ainda o que é plebiscito?

— Se soubesse não perguntava.

O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina, que continua muito ocupada com a gaiola:

— Ó senhora, o pequeno não sabe o que é plebiscito!

— Não admira que ele não saiba, porque eu também não sei.

— Que me diz?! Pois a senhora não sabe o que é plebiscito?

— Nem eu, nem você; aqui em casa ninguém sabe o que é plebiscito.

— Ninguém, alto lá! Creio que tenho dado provas de não ser nenhum ignorante!

— A sua cara não me engana. Você é muito prosa. Vamos: se sabe, diga o que é plebiscito! Então? A gente está esperando! Diga!...

— A senhora o que quer é enfezar-me!

— Mas, homem de Deus, para que você não há de confessar que não sabe? Não é nenhuma vergonha ignorar qualquer palavra. Já outro dia foi a mesma coisa quando Manduca lhe perguntou o que era proletário. Você falou, e o menino ficou sem saber!

— Proletário, acudiu o senhor Rodrigues, é o cidadão pobre que vive do trabalho mal remunerado.

— Sim, agora sabe porque foi ao dicionário; mas dou-lhe um doce, se me disser o que é plebiscito sem se arredar dessa cadeira!

— Que gostinho tem a senhora em tornar-me ridículo na presença destas crianças!

— Oh, ridículo é você mesmo quem se faz. Seria tão simples dizer: — Não sei, Manduca, não sei o que é plebiscito; vai buscar o dicionário, meu filho.

O senhor Rodrigues ergue-se de um ímpeto e brada:

— Mas se eu sei!

— Pois se sabe, diga!

— Não digo para me não humilhar diante de meus filhos! Não dou o braço a torcer! Quero conservar a força moral que devo ter nesta casa! Vá para o diabo!

E o senhor Rodrigues, exasperadíssimo, nervoso, deixa a sala de jantar e vai para o seu quarto, batendo violentamente a porta. No quarto havia o que ele mais precisava naquela ocasião: algumas gotas de água de flor de laranja e um dicionário.

A menina toma a palavra:

— Coitado de papai! Zangou-se logo depois do jantar! Dize-m que é tão perigoso.

— Não fosse tolo, observa dona Bernardina, e confessasse francamente que não sabia o que é plebiscito!

— Pois sim — acode Manduca, muito pesaroso por ter sido o causador involuntário de toda aquela discussão. — Pois sim, mamãe, chame papai e façam as pazes.

— Sim, sim, façam as pazes! — diz a menina em tom meigo e suplicante. — Que tolice, duas pessoas que se estimam tanto zangarem-se por causa do plebiscito!

Dona Bernardina dá um beijo na filha, e vai bater à porta do quarto:

— Seu Rodrigues, venha sentar-se; não vale a pena zangar-se por tão pouco.

O negociante esperava a deixa. A porta abre-se imediatamente. Ele entra, atravessa a casa, e vai sentar-se na cadeira de balanço.

— É boa! — brada o senhor Rodrigues depois de largo silêncio — é muito boa! Eu! Eu, ignorar a significação da palavra plebiscito. Eu!

A mulher e os filhos aproximam-se dele. O homem continua num tom profundamente dogmático:

— Plebiscito.

E olha para todos os lados a ver se há por ali mais alguém

que possa aproveitar a lição.

— Plebiscito é uma lei decretada pelo povo romano, estabelecido em comícios.

— Ah! — suspiram todos, aliviados.

— Uma lei romana, percebem? E querem introduzi-la no Brasil. É mais um estrangeirismo!

## 7

# A PRAIA DE SANTA LUZIA

MAURÍCIO CASARA-SE MUITO CEDO, aos dezenove anos, e era feliz, porque ia completar os vinte e quatro sem ter o menor motivo de queixa contra vida conjugal.

Justiça se lhe faça: era marido exemplaríssimo em terra tão perigosa para os rapazes de sua idade. Tinha essa virtude burguesa, que as mulheres amantes colocam acima dos sentimentos mais elevados: era caseiro. Ia para a repartição às nove horas, e às quatro estava em casa, invariavelmente. Só por exceção saía à noite, mas acompanhado por sua mulher. Adorava-a.

Adorava-a, mas um dia...

Não! Não precipitemos o conto; procedamos com método:

Maurício exercia na Alfândega um modesto emprego de es-  
criturário, e, como residisse nas proximidades do Passeio Pú-  
blico, e era por natureza comodista e ordenado, tomava siste-  
maticamente, às nove horas, o bondinho que contornava parte  
do morro do castelo, e ia despejá-lo no Carceler, perto da re-  
partição.

Habitou-se a atravessar todas as manhãs dos dias úteis a  
praia de Santa Luzia, e, afinal, tanto se apaixonara por esse  
sítio, realmente belo, que por coisa alguma renunciaria ao ino-  
cente prazer de contemplá-lo com tão rigorosa pontualidade.

Num dia as montanhas da outra banda pareciam desfa-  
zerem-se em nuvens tênues e azuladas, confundindo-se com  
o horizonte longínquo; noutro, violentamente batidas pelo sol,

tinham contornos enérgicos e destacavam-se no fundo cerúleo da tela maravilhosa. O Outeiro da Glória, a Fortaleza de Ville-gaignon, a ponte pedregosa do Arsenal de Guerra — tudo isso encantava o nosso Maurício pelos seus diversos e sucessivos aspectos de coloração. Era ali e só ali que notava e lhe comprazia a volubilidade característica da natureza fluminense — moça faceira que cada dia inventa novos enfeites e arrebiques.

E o belo e opulento arvoredado defronte da Santa Casa? Como era agradável atravessar a sombra daquelas árvores frondosas e venerandas, cuja seiva parece alimentada por tantas vidas que se extinguem no hospital fronteiro!

A praia de Santa Luzia de tal modo o extasiava, que, ao passar pelo Necrotério, Maurício descobria-se, mas desviava os olhos para que o espetáculo da morte não lhe desfizesse a boa e consoladora impressão do espetáculo da vida.

Notava com desgosto que outros passageiros do bondinho estendiam o pescoço, voltando-se para inspecionar a lúgubre capelinha. Pela expressão de curiosidade satisfeita, ou de contrariedade, que ele claramente lia no rosto desses passageiros, adivinhava se havia ou não cadáveres lá dentro.

Um velhote, com quem se encontrava assiduamente no bondinho, e já o cumprimentava, de uma feita o aborreceu bastante, dizendo-lhe, depois de olhar para o Necrotério:

— Três hóspedes!

Foi morar para a rua de Santa Luzia, numa casinha baixa, de porta e janela, certa família pobre, de que fazia parte uma lindíssima rapariga dos seus dezoito anos, morena, desse moreno purpúreo, que deve ser a cor dos anjos do céu.

Maurício via-a todas as manhãs, e não desviava os olhos, como defronte do Necrotério; pelo contrário, incluiu-a na lista dos prodígios naturais que o deslumbravam todos os dias. A morena ficou fazendo parte integrante do panorama, em concorrência com a Serra dos Órgãos, o Outeiro da Glória, o ilhote

de Villegaignon e as árvores da Misericórdia.

Aquele olhar cronométrico, infalível, à mesma hora, no mesmíssimo instante, acabou por impressionar a morena.

Pouco tardou para que entre o bondinho e a janela se estabelecesse ligeira familiaridade. Uma dia a moça teve um gesto de cabeça, quase imperceptível, e Maurício instintivamente levou a mão ao chapéu. Daí por diante nunca mais deixou de cumprimentá-la.

Quinze dias depois, ela acompanhou o cumprimento por um sorriso enfeitado pelos mais belos dentes do mundo, e isso lhe revelou, a ele, que a beleza de tão importante acessório do seu panorama também variava de aspecto.

Maurício correspondeu ao sorriso, maquinalmente, com os dois lábios curvados por uma simpatia irresistível — e, se os dois jovens já se não viam sem se cumprimentar, de então em diante não se cumprimentavam sem sorrir um para o outro.

Um dia o cumprimento mudou inesperadamente de forma; ela disse adeus com a mãozinha, agitando os dedos, com muita sem cerimônia, como o faria a algum amigo íntimo. Ele imitou-a, num movimento natural, espontâneo. Quase inconsciente.

Estavam as coisas neste ponto — o fogo ao pé da pólvora — quando um dia, depois do cumprimento e do sorriso habitual, um moleque saltou levípede à plataforma do bondinho, e entregou uma carta a Maurício.

— Esta que Sinhazinha mandou.

O moço, muito surpreso e um pouco vexado, pois percebeu que o velhote, o tal da pilhéria dos três hóspedes, e dois estudantes de medicina riam à socapa, guardou a carta no bolso, e só foi abri-la na Alfândega.



Me escreva e me diga como chama-se em que ano está e quando se forma, e quero saber se gostas de mim por paçatempo ou se pedes a minha mão a minha família, que é meu Pay, minha Mãe e um irmão. Desta que lhe ama, — Adélia.

Maurício caiu das nuvens, e só então reparou que cometera uma monstruosidade. Nunca lhe passaram pela cabeça ideias de namoro, amava muito sua mulher, a mãe do seu filho, e era incapaz de traí-la, desencaminhando uma pobre menina que o supunha solteiro e estudante, e era para ele apenas um acessório do seu panorama.

Aquela carta surpreendera-o tanto, como se a própria Fortaleza de Villegaignon lhe perguntasse: — Quando te casas comigo? — ou a ermida da Glória lhe dissesse: — Pede-me a papai!...

Nas ocasiões difíceis Maurício consultava o seu chefe de seção, que o apreciava muito.

Expôs-lhe francamente o caso, e perguntou-lhe:

— Que devo fazer?

— Uma coisa muito simples: nunca mais passar pela praia de Santa Luzia. Olhe que o menos que pode arranjar é uma tunda de pau!

— Mas o senhor não imagina o sacrifício que me aconselha! A praia de Santa Luzia entrou de tal forma nos meus hábitos, que hoje até me parece indispensável à existência; por amor de Deus, não me prive da praia de Santa Luzia.

— Nesse caso, diga-lhe francamente que é casado.

— Dizer-lhe... Mas como?

— Amanhã, quando passar, em vez de cumprimentá-la, mostre-lhe o seu anel de casamento. Ela compreenderá.

Maurício cumpriu a recomendação à risca, e Adélia viu perfeitamente a grossa aliança de ouro.

Mas no dia seguinte a moça esperou-o ainda mais satisfeita

e risonha que na véspera, e o moleque, trepando pela segunda vez à plataforma do carro, entregou a Maurício outra cartinha.

— Que diabo! — pensou ele, guardando a epístola. Ela sorria. — Vaidade feminina, não é outra coisa... Sorria para que eu não a supusesse despeitada. As mulheres são assim. Faço ideia da descompostura que aqui está escrita!

Enganava-se:

Meu amor — Vejo que você já comprou sua Aliansa e eu também ontem mesmo incomendei a minha, amanhã paça a pé e me diz cuando formas-te e cuando pedes-me a meu Pay. Nem çei o teu nome. Tua até morrer, Adélia.

Maurício tomou — pudera! — a heroica e sublime resolução de se privar da praia de Santa Luzia.

## 8

# BLACK

LEANDRINHO, O MOÇO MAIS ELEGANTE e mais peralta do bairro de São Cristóvão, frequentava a casa do senhor Martins, que era casado com a moça mais bonita da Rua do Pau-Ferro.

Mas, por uma singularidade notável, tão notável que a vizinhança logo notou, Leandrino só ia à casa do senhor Martins quando o senhor Martins não estava em casa.

Esperava que ele saísse e tomasse o bonde que o transportava à cidade, quase à porta da sua repartição; entrava no corredor com a petulância do guerreiro em terreno conquistado, e dona Candinha (assim se chamava a moça mais bonita da Rua do Pau-Ferro) introduzia-o na sala de visitas, e de lá passavam ambos para a alcova, onde os esperava o tálamo aviltado pelos seus amores ignóbeis.

A ventura de Leandrino tinha um único senão: havia na casa um cãozinho de raça, um bull-terrier, chamado Black, que latia desesperadamente sempre que farejava a presença daquele estranho.

Dir-se-ia que o inteligente animal compreendia tudo e daquele modo exprimia a indignação que tamanha patifaria lhe causava.

Entretanto, o inconveniente foi remediado. A poder de carícias e pães de ló, a pouco e pouco logrou o afortunado Leandrino captar a simpatia de Black, e este, afinal, vinha aos pulos recebê-lo à porta da rua, e acompanhava-o no corredor,

saltando-lhe às pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

As mulheres viciosas e apaixonadas comprazem-se na aproximação do perigo; por isso, dona Candinha desejava ardentemente que Leandrinho travasse reações de amizade com o senhor Martins.

Tudo se combinou, e uma bela noite os dois amantes se encontraram, como por acaso, num sarau do Clube Familiar da Cancela. Depois de dançar com ele uma valsa e duas polcas, ela teve o desprazimento de apresentá-lo ao marido.

Sucedeu o que invariavelmente sucede. A manifestação da simpatia do senhor Martins não se demorou tanto como a de Black: foi fulminante.

Os maridos são por via de regra menos desconfiados que os bull-terriers.

O pobre homem nunca tivera diante de si cavalheiro tão simpático, tão bem-educado, tão insinuante. Ao terminar o sarau, pareciam dois velhos amigos.

À saída do clube, Leandrinho deu o braço a dona Candinha, e, como “também morava para aqueles lados”, acompanhou o casal até a Rua do Pau-Ferro.

Separaram-se à porta de casa.

O marido insistiu muito para que o outro aparecesse. Teria o maior prazer em receber a sua visita. Jantavam às cinco. Aos domingos um pouco mais cedo, pois nesses dias a cozinheira ia passear.

— Hei de aparecer — prometeu Leandrinho.

— Olhe, venha quarta-feira — disse o senhor Martins. — Minha mulher faz anos nesse dia. Mata-se um peru e há mais alguns amigos à mesa, poucos, muito poucos, e de nenhuma cerimônia. Venha. Dar-nos-á muito prazer.

— Não faltarei — protestou Leandrinho. E despediu-se.

— É muito simpático — observou o senhor Martins mettendo a chave no trinco.

— É — murmurou secamente dona Candinha.

Black, que os farejava, esperava-os lá dentro, no corredor, grunhindo, arranhando a porta, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irriquieta e curva.

Na quarta-feira aprazada Leandrinho embonecou-se todo e foi à casa do senhor Martins, levando consigo um soberbo ramo de violetas.

O dono da casa, que estava na sala de visitas com alguns amigos, encaminhou-se para ele de braços abertos, e dispunha-se a apresentá-lo às pessoas presentes, quando Black veio a correr lá de dentro, e começou a fazer muitas festas ao recém-chegado, saltando-lhe às pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

O senhor Martins, que conhecia o cão e sabia-o incapaz de tanta familiaridade com pessoas estranhas, teve uma ideia sinistra, e como os dois amantes enfiassem, a situação ficou para ele perfeitamente esclarecida.

Não se descreve o escândalo produzido pela inocente indiscrição de Black. Basta dizer que, a despeito da intervenção dos parentes e amigos ali reunidos, dona Candinha e Leandrinho foram postos na rua a pontapés valentemente aplicados.

O senhor Martins, que não tinha filhos, a princípio sofreu muito, mas afinal habituou-se à solidão.

Nem era esta assim tão grande, pois, todas as vezes que ele entrava em casa, vinha recebê-lo o seu bom amigo, o indiscreto Black, saltando-lhe às pernas, lambendo-lhe as mãos, corcoveando, arfando, sacudindo a cauda irrequieta e curva.

# 9

## A FILHA DO PATRÃO

*a Arthur de Mendonça*

### I

O COMENDADOR FERREIRA ESTEVE quase a agarrá-lo pelas orelhas e atirá-lo pela escada abaixo com um pontapé bem aplicado. Pois não! Um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! Que ele estivesse durante anos a juntar dinheiro para encher os bolsos de um valdevinos daquela espécie, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era a moça mais bonita e mais bem-educada de toda a Rua de S. Clemente! Boas!

O comendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta seca e decisiva, um “não, meu caro senhor”, capaz de desanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astúcias do coração.

O pobre rapaz saiu atordoado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não passaram de tímido projeto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou ânimo e disse aos seus botões: — Pois há de ser minha a filha, custe o que custar! — Voltou-se, e viu numa janela Adosinda, a filha do comendador, que desesperadamente lha fazia com a cabeça sinais interrogativos. Ele estalou nos dentes a unha do polegar, o que

muito claramente queria dizer: — Babau! E, como eram apenas onze horas, foi dali direitinho espairecer no Derby Clube. Era domingo e havia corridas.

O comendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha, e surpreendeu-a a fazer os tais sinais interrogativos. Dizer que ela não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço seria faltar à verdade que devo aos pacientes leitores; apanhou-o, coitadinha! E naturalmente, a julgar pelo grito estrídulo que deu, exagerou a dor física produzida por aquela grosseira manifestação de cólera paterna.

Seguiu-se um diálogo terrível:

— Quem é aquele pilantra?

— Chama-se Borges.

— De onde o conhece você?

— Do Clube Guanabareense... Daquela noite em que papai me levou...

— Ele em que se emprega? Que faz ele?

— Faz versos.

— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?

— Não tenho culpa; culpado é o meu coração.

— Esse vagabundo algum dia lhe escreveu?

— Escreveu-me uma carta.

— Quem lha trouxe?

— Ninguém. Ele mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janela.

— Que lhe diria ele nessa carta?

— Nada que me ofendesse; queria a minha autorização para pedir-me em casamento.

— Onde está ela?

— Ela quem?

— A carta!

Adosinda, sem dizer uma palavra, tirou a carta do seio. O comendador abriu-a, leu-a e guardou-a no bolso. Depois continuou:

— Você respondeu a isso?

A moça gaguejou.

— Não minta!

— Respondi, sim, senhor.

— Em que termos?

— Respondi que sim, que me pedisse.

— Pois olhe: proíbo-lhe, percebe? Pro-í-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que ele anda a rodar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Benvindo (Benvindo era o cozinheiro do comendador Ferreira) e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe diga nada!

## II

Três dias depois desse diálogo, Adosinda fugiu de casa em companhia de seu Borges, e o rapto foi auxiliado pelo próprio Benvindo, com quem o namorado dividiu um dinheiro ganho nas corridas do Derby. Até hoje ignora o comendador que o seu fiel cozinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pai ficou possesso, mas não fez escândalo, não foi à polícia, não disse nada nem mesmo aos amigos íntimos; não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve razão, porque, passados quatro dias, Adosinda e o Borges vinham, à noite, ajoelhar-se aos seus pés e pedir-lhe a benção, como nos dramalhões e novelas sentimentais.



### III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o comendador Ferreira deveria perdoar aos dois namorados, e tratar de casá-los sem perda de tempo; mas infelizmente as coisas não se passaram assim, e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoísmo.

Com a resolução de quem longamente se preparara para o que desse e viesse, o comendador tirou do bolso um revólver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando:

— Seu biltre, ponha-se imediatamente no olho da rua, se não quer que lhe faça saltar os miolos!

A esse argumento intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor à pele, fugiu como se o arrebatassem asas invisíveis.

O pai foi fechar a porta, guardou o revólver e, aproximando-se de Adosinda, que encostada ao piano tremia como varas verdes, abraçou-a, beijou-a com um carinho que nunca manifestava em ocasiões menos inoportunas.

A moça estava assombrada; esperava, pelo menos, a maldição paterna; era, desde pequenina, órfã de mãe e habituara-se às brutalidades do pai; aquele beijo e aquele abraço afetuosos encheram-na de confusão e de pasmo.

O comendador foi o primeiro a falar:

— Vês? — disse ele, apontando para a porta. — Vês? O homem por quem abandonaste teu pai é um covarde, um miserável, que foge diante do cano de um revólver! Não é um homem.

— Isso é ele — murmurou Adosinda baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfaziam a palidez do rosto.

O pai sentou-se no sofá, chamou a filha para perto de si, fê-la sentar-se nos seus joelhos e, num tom de voz meigo e untuoso, pediu-lhe que se esquecesse do homem que a rap-

tara, um troca-tintas, um leguelhé que lhe queria o dote, e nada mais. Pintou-lhe um futuro de vicissitudes e misérias, longe do pai que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, desse pai que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhoso dos pais.

No fim dessa catequese, a moça parecia convencida de que nos braços do Borges não encontraria realmente toda a felicidade possível, mas...

— Mas agora... é tarde — balbuciou ela; e voltaram-lhe à face as purpurinas rosas de ainda há pouco.

— Não; não é tarde — disse o comendador. — Conheces o Manuel, o meu primeiro caixeiro do armazém?

— Conheço: é um enjoado.

— Qual enjoado! É um rapaz de muito futuro no comércio, um homem de conta, peso e medida! Não descobriu a pólvora, não faz versos, não é janota, mas tem um tino para o negócio, uma perspicácia que o levará longe, hás de ver!

E durante um quarto de hora o comendador Ferreira gabou as excelências do seu caixeiro Manuel.

Adosinda ficou convencida.

A conferência terminou por estas palavras:

— Falo-lhe?

— Fale, papai.

#### IV

No dia seguinte o comendador chamou o caixeiro ao escritório, e disse-lhe:

— Seu Manuel, estou muito contente com os seus serviços.

— Oh, Patrão!

— Você é um empregado zeloso, ativo e morigerado; é o modelo dos empregados.

— Oh, Patrão!

— Não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa: dou-lhe cinco por cento além do ordenado.

— Oh, Patrão! Isso não faz um pai ao filho!...

— Ainda não é tudo. Quero que você se case com minha filha. Doto-a em cinquenta contos.

O pobre diabo sentiu-se engasgado pela comoção: não pôde articular uma palavra.

— Mas eu sou um homem sério — continuou o patrão —; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem.

O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as pálpebras, ajustou os lábios em bico, e respondeu com um sorriso resignado e humilde:

— Oh, Patrão! Ainda mesmo que fosse, não fazia mal!

# 10

## ARDIL

*a Raul Pompeia*

— A QUE DEVO O PRAZER de uma visita a estas horas? — perguntou a viscondessa ao entrar na sala, onde, havia quinze minutos, a baronesa castigava o tapete com um pé pequenino e admiravelmente calçado.

Ergueu-se a formosa visitante, e suspirou, aliviada pela presença da amiga íntima. Depois dos beijinhos consuetudinários, sentaram-se ambas.

— O visconde ainda dorme?

— Ainda, e não acordará tão cedo: são apenas sete horas.

— Posso falar sem receio?

— Estamos completamente sós.

Houve uma pequena pausa.

— Temos então algum mistério? — interrogou a dona da casa, consertando as dobras da sua magnífica bata de rendas brancas. Histórias do coração, aposto?

— Do coração? Não sei. Há quem diga que estas coisas nada têm a ver com ele, mas com a cabeça... Em todo caso, fazem padecer.

— A quem o dizes! — Não durmo há duas noites... Há três dias não abro o piano... Amor? Sei lá! Despeito, raiva, talvez... — Conta-me tudo — disse a viscondessa, enxugando com os lábios duas lágrimas que tremeluziam nos olhos da

amiga —; conta-me tudo. Os meus trinta e nove outonos estão, como sempre, às ordens das tuas vinte e cinco primaveras. Adivinho que se trata do Bittencourt.

— Fale mais baixo.

— Não tenhas medo.

— Sim, venho ainda uma vez ao encontro dos seus conselhos... Há oito meses a senhora ensinou-me a subjugar-lo, a escravizá-lo aos meus caprichos, aos meus ímpetos, ao meu amor; hoje, que ele se mostra arredio, farto e insolente, só a senhora, com a sua experiência, a sua calma, o seu bom senso, e, sobretudo, a sua amizade, me indicará os meios de reconquistá-lo sem triunfo para ele nem humilhação para mim. A senhora teve quatro amantes...

— Três — interrompeu serenamente a viscondessa —; ao quarto não se pode ainda aplicar o pretérito mais que perfeito: está no pleno gozo da sua conquista.

— Pois bem, três, e nenhum deles a desprezou; no momento oportuno a senhora desfez-se habilmente de todos três, sem deixar a nenhum o direito de dizer, ao vê-la passar pelo braço do visconde: *“fui eu que não quis mais...”*

Houve outra pausa.

— Imagine — prosseguiu a baronesa —, imagine que há mês e meio só tenho estado com ele no Lírico, durante os espetáculos. Procura, para cumprimentar-me, justamente as ocasiões que o meu marido está no camarote. Escrevi-lhe duas cartas e um bilhete postal; não tive resposta!

— Que horror! — murmurou a viscondessa, profundamente impressionada.

— Vamos, diga-me... aconselhe-me! Que devo fazer? Estou irresoluta... a senhora bem sabe, é o meu primeiro amante.

— Deixa-me pensar, filhinha, deixa-me pensar. Estas coisas não se decidem assim, num abrir e fechar de olhos!

E, depois de refletir alguns segundos, tamborilando com

os dedos nos braços da poltrona, a viscondessa inquiriu com a seriedade de um velho advogado, comprometido a defender causa importante.

— Vejamos: o Bittencourt, segundo me consta, contraiu ultimamente uma dívida de gratidão com teu marido.

— Sim, creio que sim. O barão, ao que parece, interveio com muito empenho para que lhe dessem aquele belo emprego. . .

— Uma verdadeira sinecura.

— Mas que tem isso?

— Tem tudo, filhinha; a moral fácil desses senhores proíbe-lhes que sejam amantes da mulher, desde que devam favores ao marido.

— Quer isso dizer que tais favores são pagos à custa do nosso amor próprio?

— E do nosso próprio amor: o sacrifício é todo nosso! Podem limpar a mão à parede com sua moral!

— Mas, por fim das contas, que devo fazer?

— Guerrear e vencer os escrúpulos tolos do teu amante! Para isso é indispensável que ele te escreva. *Verba volant, scripta moment.*

— Não sei latim.

— Quero dizer que nenhum homem, por mais inteligente, soube até hoje redigir uma epístola de amor sem se comprometer. Na sua carta o Bittencourt fatalmente renovará promessas, e o seu cavalheirismo — o seu cavalheirismo pelo menos — o obrigará a cumpri-las. E quando o vires de novo rendido a teus pés, manda-o passear; não nos convém esses amantes que fazem pose da sua falsa dignidade.

— Mas por amor de Deus, viscondessa! Não lhe acabo de dizer que as minhas cartas tem ficado sem resposta?

— A que lhe vais escrever agora não ficará sem ela. Tenho um ardil que há tempos empreguei com ótimo resultado. Vem cá, acompanha-me.

A doutora levantou-se e dirigiu-se para um gabinete contíguo. A baronesa acompanhou-a.

— Senta-te, e escreve o que te vou ditar.

No dia seguinte o Bittencourt recebia este bilhete:

Tenho-lhe escrito três cartas, e de nenhuma recebi resposta. Não me queixo, perdoo: o senhor deve andar muito preocupado com o seu novo emprego, e há momentos, parece, em que todo o homem honesto é obrigado a sacrificar os seus afetos aos deveres e às responsabilidades da vida prática. Paciência. Entretanto, como o senhor agora já deve estar mais folgado, tem por fim esta carta pedir-lhe a resposta das outras. Sua *quand même*, L.

*Post scriptum* — Há aqui no meu bairro grande dificuldade de obter selos do Correio, e, para evitar suspeitas, não quero mandar buscá-los à cidade. Peço-lhe que, com os cinco mil-réis que inclusos encontrarás, compre cinquenta selos de tostão, e nos remeta dentro da sua carta quando me responder. Sua L.

E ali está como o Bittencourt voltou, forçado por uma nota de cinco mil-réis!

# 11

## ÚTIL INDA BRINCANDO

*a Urbano Duarte*

### I

UMA NOITE O LEOPOLDO DAS NEVES encontrou no Passeio Público o Viriatinho da Estrada de Ferro, um bom camarada que há muito tempo não via.

E, como os dois amigos se encaminhassem para o terraço, o Viriatinho chamou a atenção do outro para uma bonita mulher que descia a escada em companhia de um sujeito gordo.

— Oh, diabo! É a Clotilde! — exclamou o Leopoldo das Neves.

E, levando o amigo pelo braço, embarafustou com ele pela sombria alameda que contorna o lago.

— Que é isso? Foges daquela mulher?

— Como o diabo da cruz.

— Por quê?

— Porque me amola; se me visse, eu seria amanhã obrigado a explicar-lhe o que vim fazer ao Passeio Público!

— Amola-te? Ora essa! Eis ali o caso de dizer que dá Deus nozes. . .<sup>12</sup>

— Perdão, tenho muito bons dentes!

— Nesse, és difícil!

---

<sup>12</sup>“Deus dá nozes a quem não tem dentes”, provérbio português. [N. do E.]



— A Clotilde não é o meu tipo.

— Pois é bonita como seiscentos diabos!

— Não nego! Mas o meu ideal é outro. Quisera que a minha amante fosse alta, magra, loura, alva, de olhos azuis, e tivesse vinte e quatro anos, quando muito. Quisera também que fosse viúva, conhecesse um pouco a Europa, e, sem ser literata nem artista, gostasse das letras e das artes.

— Quiseras muitas coisas juntas!

— A Clotilde é o contrário de tudo isso: é mais baixa que alta, é mais gorda que magra, é morena, tem olhos castanhos, e já completou a idade exigida para a senatoria. . .

— Do Império?

— Não; da República.<sup>13</sup> É a digna esposa daquele negociante anafado e suarento que viste passar; adormece no Lírico ouvindo o *Otelo*; dá o cavaquinho pelos cromos de Guimarães Ferdinando, e delicia-se com a leitura de Xavier de Montépin — traduzido, note-se, porque nem ao menos sabe francês!

— E as tuas relações com ela têm tido caráter platônico, ou. . . positivo?

— Ah, meu amigo, eu dei-lhe, infelizmente, amplo direito de perseguir-me.

— Maganão!

— Quem principiou fui eu. Que queres? A curiosidade, o vício. . . a poesia do adultério. . . Como isso foi? Não sei. Um encontro numa *soirée* familiar, um aperto de mão mais forte, uma valsa. . . durante a valsa uma troca de lenços, no lenço dela um perfume capitoso e enervante, uma carta minha que ficou sem resposta, outra, outra ainda. . . Outra, que foi respondida afinal. Uma entrevista concedida depois de uma luta homérica entre duas fomes de beijos. . .

---

<sup>13</sup>A idade mínima para a senatoria, isto é, para que um cidadão pudesse se candidatar ao Senado, no Império brasileiro era de 40 anos. Com a proclamação da República, passou a ser de 35 anos. [N. do E.]

— Bonito!

— Uma entrevista em casa de uma cartomante da rua da Assembleia. . . Duas horas de prazer, e quatro anos de cativo e arrependimento!

— Quatro anos?

— Sim, meu Viriatinho, há quatro anos que isto dura; há quatro anos hipotequei a minha liberdade, o meu sossego, e o meu bom humor; há quatro anos vivo aguilhoado a essa mulher, que se encontra comigo de oito em oito, de quinze em quinze dias, furtivamente, às pressas, mas que me escreve todos os dias, e me atormenta com protestos, exigências, lamúrias, ameaças!

E Leopoldo das Neves interrompeu a lista das impertinências de Clotilde, batendo violentamente com a bengala na relva:

— Quatro anos! Há quatro anos — calcula! — tenho o coração nas mãos, receoso de que de um momento para o outro o marido descubra tudo, ponha-a na rua a pontapés, e eu seja obrigado a ficar com aquela trouxa às costas! . . .

— Vejo que já não a amas.

— Nem nunca a amei. Foi um capricho. . . Quinze dias depois da nossa primeira entrevista em casa da cartomante, já eu me sentia farto e aborrecido!

Os dois amigos encaminharam-se para o terraço.

A noite estava esplêndida. Não havia luar, mas os astros brilhavam intensamente na profunda escuridão do céu. As ondas, derramando-se na praia, pareciam alvíssimas rendas franjando uma enorme colcha azul.

— Queres um conselho, Viriato? Foge das ligações dessa espécie.

— Ah, de que me serve o teu conselho?

— Por quê?

— Aqui onde me vês, estou ralado de inveja!

— De inveja?

— Sim, confesso-te que guardo dentro esse sentimento ignóbil. Invejo a perseguição de que te dizes vítima, e — palavra! — tenho ciúmes, ciúmes incoerentes, dessa mulher que não é minha, que não conheço, apenas entrevi. . . Eu dava dez anos de vida — vê tu lá! — pelo prazer de entrar com ela furtivamente em casa de uma cartomante misteriosa e hospitaleira!

Leopoldo das Neves encarou fixamente o outro, e, depois de uma grande pausa, perguntou-lhe, segurando-o por um botão do casaco:

— Viriatinho, és meu amigo?

— Certamente.

— Queres prestar-me um grande serviço?

— Qual?

— Um serviço que não te será desagradável.

— Que ordenas tu?

O amante de Clotilde recuou uns passos, apontou para o lado da rua, e declamou o verso de D. Salústio:

*De plaire à cette femme et d'être son amant!*<sup>14</sup>

O Viriatinho soltou uma gargalhada tão cristalina e vibrante que chamou a atenção das pessoas que passavam.

— Não te rias! Estou falando sério.

— Mas isso é lá possível! Tirar-te do lance, eu! . . . E ela tão apaixonada por ti!

— Conheço-a como as palmas das minhas mãos; dar-te-ei as instruções necessárias. Desde que estejas munido de todos os recursos estratégicos, desde que saibas como atacar a praça, a vitória não será difícil.

— Olha que sou um péssimo general!

— Deixa-te de modéstias! Vamo-nos embora. Pelo caminho irei te desenvolvendo o plano do ataque.

<sup>14</sup>“Para agradar a esta mulher e a seu amante!”[N. do E.]

— Vamos lá!

Os dois amigos tomaram a direção da escada.

— Não calculas como vais ser útil — disse Leopoldo das Neves, descendo.

— “Útil inda brincando” — acrescentou Viriatinho, descendo também, e apontando para o desgracioso Cupido que desde 1783 dá de beber aos fluminenses.<sup>15</sup>

## II

Mês e meio depois desse encontro no Passeio Público, Leopoldo das Neves estava sozinho em casa, e sentia um aborrecimento de morte.

Era uma noite chuvosa e fria.

Tentou escrever, e não conseguiu alinhar quatro palavras; quis ler um livro interessante, que ainda não conhecia, e fechou o volume logo depois da segunda página; sentou-se ao piano, e sentiu as mãos pesadas como se fossem de chumbo. Acendeu um charuto, e deitou-se na cama a fio comprido, contemplando os bicos dos pés.

Tinham-se já passado quarenta dias depois que ele apresentara Viriatinho a Clotilde, numa *soirée*, em casa de um tal comendador Freixo.

Leopoldo tratara Clotilde com muita indiferença, passando a noite a jogar o voltarete com o marido dela, um major de engenheiros e um médico. De vez em quando o Viriatinho lhe aparecia na sala de jogo, e, por gestos, o informava de que tudo corria às mil maravilhas.

---

<sup>15</sup>Aqui temos a razão de ser do título deste conto. O Cupido em questão é um monumento criado pelo mineiro Valetim da Fonseca e Silva, dito Mestre Valetim, arquiteto e escultor que projetou o parque Passeio Público, no bairro da Lapa, no Rio, inaugurado em 1783. Essa estátua de Cupido segura um cágado numa das mãos, que verte água para beber. Na outra mão sustenta uma faixa, com os dizeres: “*sou útil inda brincando*”. [N. do E.]

Terminada a *soirée*, os dois amigos saíram juntos e, na rua, deram cinquenta passos ao lado um do outro sem falar.

Leopoldo quebrou o silêncio:

— Então, César? Chegaste, viste e venceste?

Por única resposta o Viriatinho tirou da algibeira um pequenino lenço e apresentou-o a Leopoldo, dizendo:

— Vê se conheces este perfume.

— Bravo! As coisas chegaram à cerimônia, meio maometana, da troca dos lenços?

— Tal qual como contigo. Primeiro que tudo, e modéstia à parte, não há dúvida que lhe fiz certa impressão. É que naturalmente me achou parecido com algum herói de Xavier de Montépin. O resto já tu sabes: uns olhares ardentes e expressivos, uns apertos de mão durante a primeira quadrilha. . . logo em seguida uma valsa, e a troca dos lenços. . . Depois de amanhã lhe escreverei uma carta.

Os dois amigos separaram-se, e, desde essa ocasião, Leopoldo não mais esteve com o Viriato. A correspondência de Clotilde cessou completamente.

Durante os primeiros dias ele sentiu-se feliz, aliviado — uf! — daquela pesada algema que durante quatro anos penosamente arrastara. Depois vieram-lhe, como direi? . . . Remorsos. Recordava-se do passado; saudosas cenas se renovavam no seu cérebro inquieto.

Clotilde aparecia-lhe agora com toda a sua meiguice, com todo o seu ardor de mulher que fecha os olhos e se entrega resolutamente a um homem, como se mergulhasse no oceano.

Depois, ele passou todas noites consecutivas a sonhar com ela: via-a muito alta, muito magra, muito loura, de olhos azuis, a tocar harpa, dizendo-lhe: — Aqui me tens! Agora, sim, agora sou o teu ideal.

Naquela noite chuvosa e úmida, Leopoldo sentia-se mais do que nunca envergonhado do seu procedimento. Por fim de

contas, Clotilde era uma bonita mulher, e uma boa rapariga, que só tivera um defeito: amá-lo exageradamente. E que fez ele? Uma canalhice: entregou-a ao Viriatinho, ao Viriatinho da Estrada de Ferro, um pulha, uma besta que com certeza não saberia apreciá-la.

O ingrato monologava esta interrogação terrível: — Já teriam indo à Rua da Assembleia? — quando ouviu bater à porta.

Foi abrir. Era o Viriatinho, que entrou alegre e radiante.

— Está chovendo: tinha certeza de encontrar-te em casa. Venho trazer-te notícias da minha conquista. Fomos hoje à cartomante...

Leopoldo estremeceu, teve um sorriso contrafeito, e agarrou-se a um móvel para não cair.

— Arre! Custou! Escrevi nada menos de seis cartas! As três primeiras ficaram sem resposta. Afinal foi ela própria quem me indicou o *buen retiro* da Rua da Assembleia... Talvez o mesmo quarto, hein?

— Talvez...

— Olha: sobem-se duas escadas, abre-se uma grade de pau, entra-se num corredor, primeira alcova à direita, com uma janela que dá para uma área. Embaixo, uma casa de fumos. É isso?

As palavras de Viriatinho penetravam no coração de Leopoldo das Neves como outras tantas punhaladas. O pobre diabo teve ímpetos de agarrar uma bengala, e por pela porta a fora, a pauladas, o seu substituto; mas — que diabo! — o culpado de tudo não tinha sido ele próprio? Ele próprio não lhe indicara os meios de seduzir Clotilde? Não era esse o resultado fatal de uma combinação infame, proposta espontaneamente por ele?

O Viriatinho observou:

— Mas... Valha-me Deus! Acho-te assim a modo de contra-

riado. Estás arrependido?

— Eu? Que ideia! — murmurou Leopoldo, sufocado — que ideia! . . .

— Olha, se queres que te diga, acho que tinhas muita razão. A Clotilde é bonita, isso é, mas que mulher vulgar, que espírito acanhado! Não tem por onde se lhe pegue!

— Não te dizia? — acudiu vivamente Leopoldo, regozijado por essa opinião. — A Clotilde não vale nada!

— Sabes? Não estou disposto a aguentar aquilo quatro anos, como tu. Nada! Na primeira ocasião desfaço-me dela! Quis apenas prestar-te um serviço, e folgo de ter sido “útil inda brincando”.

Alguns minutos depois, o Viriatinho saiu, e Leopoldo das Neves ficou aniquilado pelo desgosto.

Foi para o seu quarto de dormir, abriu um armário, e tirou um vidro de perfumaria, o extrato predileto de Clotilde, há três anos esquecido no fundo daquele móvel. Ensopou o lenço, aspirou longamente aquele perfume “capitoso e enervante” como se quisesse anestesiar-se; depois, atirou-se à cama, enterrou a cabeça no travesseiro, e numa crise de nervos, começou a chorar desesperadamente, soluçando o nome dela.

Passou assim toda a noite.

### III

Ela enviuvou há um ano. Eles casaram-se há seis meses.

Quando se encontram com o Viriatinho da Estrada de Ferro, fingem que o não conhecem.

## 12

# UMA NOITE EM PETRÓPOLIS

O GUSTAVO ERA LITERATO e quase jornalista. Casou-se muito novo, aos vinte e três anos, e fez-se guarda-livros, porque decididamente a literatura não lhe dava com que manter a família.

O casamento havia sido muito contrariado por uma dona Puquéria, tia da noiva, senhora já bastante idosa, que morava em Cascadura. Depois de casado, o Gustavo guardou um profundo ressentimento contra essa velha: não a podia ver nem pintada.

Ora, uma bela manhã, seis anos depois do casamento, a mulher de Gustavo foi despertá-lo mais cedo que de costume.

— Gustavo!

— Hein? Que queres tu? Para que me acordas tão cedo? Bem sabes que com este calor infernal só posso pegar no sono pela madrugada! Deixa-me dormir!

— Ouve; trata-se de uma coisa grave.

O Gustavo deu um pulo da cama.

— Hein?

— Tia Pulquéria...

— Morreu?

— Não; mas está morre, não morre. Mandou-me pedir que fosse lá com os pequenos; quer despedir-se da gente.

— Responda-lhe que morra quantas vezes quiser, e nos



deixe em paz!

— Gustavo, lembra-te que ela é irmã de meu pai. . .

— Lembro-me que esse diabo inventou contra mim as maiores calúnias, para impedir o nosso casamento!

— Pois sim, perdoa-lhe. Aquilo foi rabugice de velha.

— Vai tu, se quiseres, com os meninos e a Máxima. Eu tenho mais que fazer; não os acompanho.

Uma hora depois, a sobrinha de dona Pulquéria, em companhia dos quatro pequenos e da Máxima — a ama seca de todos os quatro — tomava o trem para Cascadura.

O Gustavo tentou dormir ainda, mas não o conseguiu. Ergueu-se de mau humor, tomou um banho frio, vestiu-se, e foi para o escritório. Almoçava em casa do patrão.

Ao meio dia recebeu um bilhete de sua mulher dizendo-lhe que tia Pulquéria tinha expirado às dez horas da manhã e que ela ficaria lá todo o dia e toda a noite com os meninos e a Máxima “fazendo quarto”; só iria para casa no dia seguinte, depois do enterro.

O marido ficou bastante contrariado. Era a primeira vez, depois de seis anos de casados, que ia passar uma noite longe da família.

Um dos seus companheiros de escritório, homem já maduro e também pai de família, disse-lhe:

— Eu, no seu caso, Gustavo, tratava de aproveitar esta noite de liberdade. . .

— Aproveitar como? Não sou pândego nem tenho recursos para meter-me em cavalarias altas. Já sei que esta noite vai ser pior que a passada, em que não preguei o olho. . . Fazia um calor terrível.

— Pois aproveite a noite dormindo bem.

— Onde?

— Em Petrópolis. Você vai hoje na barca das quatro; chega lá às seis; janta no Bragança; depois do jantar vai dar um

giro pela cidade; volta ao hotel; pede um quarto; passa uma noite deliciosa, e amanhã toma o trem para cá às sete horas da manhã.

A ideia sorriu ao Gustavo. Que bom seria passar a noite em Petrópolis, gozando a agradável temperatura da serra! Com que prazer ele se estenderia numa caminha fresca, para no dia seguinte, ao primeiro raio de sol, despertar alegre como um pássaro e leve como uma flor!

De mais a mais, Gustavo nunca fora a Petrópolis, e Petrópolis era um dos seus sonhos. Uns desejam ir à Europa, outros à América do Norte, outros ao Oriente; ele desejaria ir à Petrópolis, embora para ali passar apenas uma noite.

O Gustavo foi à casa, acondicionou a roupa indispensável numa maleta de mão, e às quatro horas partiu para o ex-Córrego-Seco, munido de bilhete de ida e volta.

O programa traçado começou por ser fielmente cumprido. No hotel Bragança deram ao Gustavo um bom quarto, e serviram-lhe um bom jantar, que ele não apreciou bastante porque estava a cair de sono e na sala o termômetro marcava trinta graus.

Acabado o jantar, o nosso viajante saiu para dar um giro pela cidade; mas, como entrasse a choviscar, voltou para o hotel, dizendo aos seus botões:

— Ora, adeus! Vou deitar-me; há de ser um sono só pela manhã!

Quis porém a fatalidade que, ao entrar no hotel, o Gustavo encontrasse o Miranda, que fora, sete anos atrás, um dos companheiros de “lutas” literárias, um bom rapaz que tinha apenas um defeito, mas um grande defeito: bebia. Um pobre diabo, um maluco desses de quem se diz: — Coitado, é mau só para si!

— Olhe quem ele é: O Gustavo!

— Oh, Miranda!

— Que fazes tu em Petrópolis?  
— Vim dormir, e tu?  
— Eu resido aqui.  
— Ah! E em que te empregas?  
— Em coisa nenhuma. Dissipo os restos do meu patrimônio.

O Gustavo notou que o Miranda tinha a língua um pouco presa, e como não há companhia mais desagradável que a de um bêbado, tratou de despedir-se.

— Não! Já não te deixo! — protestou o Miranda. — Anda daí tomar comigo um copo de cerveja.

— Não, desculpa-me...

— Não admito desculpas!

— Pois sim, mas há de ser aqui mesmo no hotel.

— Nada, nada! Cerveja em hotel não tem bom sabor. Vamos a uma *brasserie* que ali há, atravessemos aquela ponte...

— Isso é uma extravagância: está chovendo!

— Ora, um chavisquinho à toa! Vamos!

— Perdão, Miranda, eu vim a Petrópolis para dormir e não para tomar cerveja! Não preguei olho toda a noite passada, estou a cair de sono!

— Oh, desgraçado! Pois tu queres dormir às oito horas da noite? Bem se vê um poeta lírico degenerado, um trovador que se encheu de filhos e se fez guarda-livros! Anda daí!

E Gustavo deixou-se levar, quase de rastros, à cervejaria.

Os dois amigos sentaram-se a uma mesa, diante de dois copos de cerveja alemã. O Miranda esvaziou imediatamente um deles, e pediu reforço.

— Era o que faltava! Dormir às oito horas noite! Nada; temos muito o que conversar, meu velho: vou expor-te um plano, um grande plano; quero saber se o aprovas.

— Fala — disse Gustavo contrariadíssimo, arrependido, mas resignado.

— Pretendo fundar uma folha diária aqui, nesta cidade vermelha!

O Miranda esperava que Gustavo perguntasse: “Vermelha, por quê?” O Gustavo calou-se; ele, porém, acrescentou, como se o outro houvesse feito a pergunta:

— Pois não reparaste ainda que tudo aqui em Petrópolis é vermelho? As pontes, as grades, as montanhas, as casas, os criados de servir, e até os cabelos dos respectivos indígenas? Olha!

E apontou para o moço que trazia novo reforço de cerveja, um petropolitano ruivo, verdadeiro tipo teutônico.

— Em Petrópolis há um jornal, mas imagina, meu velho, que esse jornal se intitula o *Mercantil*! Vê que tolice! Um *Mercantil* nesta cidadezinha de vilegiatura, neste oásis de verão, residência de diplomatas, capitalistas e mulheres elegantes! O *Mercantil*, ora bolas!

E o Miranda expôs longamente o plano do seu jornal, com grandes gestos, os olhos muito abertos e injetados, as narinas dilatadas, os bigodes cheios de espuma. Seria uma folha artística, parisiense, catita, e sobretudo escandalosa. . . Não escandalosa como o *Corsário*, mas como o *Gil-Blas* ou o *Eco de Paris*, levantando a pontinha, só a pontinha do véu que esconde um mistério de amor, intrigando a sociedade inteira com uma inicial ou duas linhas de reticências. . .

Inflamado, o Miranda indicava os lucros prováveis da empresa, os capitalistas com que contava para lançá-la, os redatores e colaboradores que contrataria, e mais isto, e mais aquilo, e mais aquilo outro.

O Gustavo, que por diversas vezes tentava erguer-se, era subjugado pelo Miranda. Ouvia-o com as pálpebras semicerradas pela fadiga, embrutecido, sem dizer uma frase, nem mesmo uma palavra, porque o futuro redator do *Petrópolis* — era esse o título do projetado jornal —, com a língua perra,

dando murros na mesa, quebrando copos, expectorava abundantes períodos, sem vírgula, sem pausa. Só se calava de vez em quando para beber, ensopando os bigodes em cerveja e lambendo-os em seguida.

A chuva caía agora a cântaros.

Na cervejaria só estavam os dois amigos e o petropolitano teutônico, este encostado ao balcão de braços cruzados, cabeceando. O Miranda continuava com mais entusiasmo a exposição do plano da sua futura empresa, quando o dono da casa, um alemão robusto, irrompeu dos fundos do estabelecimento:

— Endão que é isto, meus zenhores? Já bassa tas tuas horas... não bosso der a minha casa aperda adé alda noide!

O Miranda tentou recalcitrar, mas o cervejeiro não lhe deu ouvidos. O Gustavo pagou a despesa, e puxou pelo braço o beberrão, que parecia pregado ao banco em que se sentara. Afinal, conseguiu arrastá-lo até a rua. O alemão fechou imediatamente a porta.

O Miranda, mal deu dois passos, perdeu o equilíbrio e caiu redondamente na lama. O Gustavo abaixou-se para erguê-lo, mas o outro deixou-se estar, não fez o mínimo esforço para levantar-se, e resmungou quase ininteligivelmente: — Estou muito bêbado!

Imaginem a situação do guarda-livros: tonto de sono, de madrugada, à chuva, numa rua deserta, numa cidade que ele absolutamente não conhecia, às escuras, porque Petrópolis não tinha iluminação, e vendo aos seus pés um amigo embriagado, um companheiro de “lutas”, que não podia abandonar ali!

Imaginem os trabalhos por que passou o ex-poeta lírico para remover a pesada massa de carne e osso que jazia inerte no chão, e encontrar a casa em que habitava o Miranda. Felizmente este, mesmo bêbado, conseguiu orientá-lo. Mas que trabalho!...

Era perto de quatro horas quando o Gustavo bateu à porta do hotel Bragança. O criado que lhe veio abrir, de vela acesa na mão, teve um sorriso malicioso, e disse:

— Ai, ai! Estes moços felizes que vêm passar uma noite em Petrópolis e se recolhem ao hotel de madrugada. . . Ai, ai!

O Gustavo às sete horas da manhã desceu a serra aborrecido, doente, com uma enxaqueca terrível, estupidificado pelo sono e atribuindo as suas desgraças à tia Pulquéria.

Felizmente a velha deixou-lhe uns cobres que até certo ponto o consolaram daquela malfadada noite em Petrópolis.

## 13

# UMA EMBAIXADA

MINERVINO OUVIU UM TOQUE de campainha, levantou-se do canapé, atirou para o lado o livro que estava lendo, e foi abrir a porta ao seu amigo Salema.

— Entra. — Estava ansioso.

— Vim, mal recebi o teu bilhete. Que desejas de mim?

— Um grande serviço!

— Oh, diabo! Trata-se de algum duelo?

— Trata-se simplesmente de amor. Senta-te. — Sentaram-se ambos.

Eram dois rapagões de vinte e cinco anos, oficiais da mesma Secretaria do Estado; dois colegas, dois companheiros, dois amigos, entre os quais nunca houvera a menor divergência de opinião ou sentimentos. Estimavam-se muito, estimavam-se deveras.

— Mandei-te chamar — continuou Minervino — porque aqui podemos falar mais à vontade; lá em tua casa seríamos interrompidos por teus sobrinhos. Ter-me-ia guardado para amanhã, na Secretaria, se não se tratasse de uma coisa inadiável. Há de ser hoje por força!

— Estou às tuas ordens.

Bom. Lembras-te de um dia ter te falado de uma viúva bonita, minha vizinha, por quem andava muito apaixonado?

— Sim, lembro-me. Um namoro. . .

— Namoro que se converteu em amor, amor que se transformou em paixão!

— Quê! Tu estás apaixonado?!

— Apaixonadíssimo. . . E é preciso acabar com isto!

— De que modo?

— Casando-me; és tu que hás de pedi-la!

— Eu?!

— Sim, meu amigo. Bens sabes como sou tímido. Apenas me atrevo a fixá-la durante alguns momentos, quando chego à janela, ou a cumprimentá-la, quando entro ou saio. Se eu mesmo fosse falar-lhe, era capaz de não articular três palavras. Lembras-te daquela ocasião em que fui pedir ao ministro que me nomeasse para a vaga do Florêncio? Pus-me a tremer diante dele, e a muito custo consegui expor o que desejava. E quando o ministro me disse: — Vá descansado, hei de fazer justiça —, eu respondi-lhe: — Vossa excelência, se me nomear, não chove no molhado! — Ora, se sou assim com os ministros, que dirá com as viúvas.

— Mas tu a conheces?

— Estou perfeitamente informado: é uma senhora digna e respeitável, viúva do Senhor Perkins, negociante americano. Mora ali defronte, no número 37. Peço-te que a procures imediatamente e lhe faças o pedido da minha parte. És tão desembaraçado como eu sou tímido; estou certo que serás bem-sucedido. Dize-lhe de mim o melhor que puderes dizer; advoga a minha causa com a tua eloquência habitual, e a gratidão do teu amigo será eterna.

— Mas que diabo! — observou Salema. — Isto não é sangria desatada! Por que há de ser hoje e não outro dia? Não vim preparado!

— Não pode deixar de ser hoje. A viúva Perkins vai amanhã para a fazenda da irmã, perto de Vassouras, e eu não queria que partisse sem deixar lavrada a minha sentença.

— Mas, se lhe não falas, como sabes que ela vai partir?

— Ah! Como todos os namorados, tenho a minha polí-



cia... Mas vai, vai, não te demores; ela está em casa e está sozinha; mora com um irmão empregado no comércio, mas o irmão saiu... Deve estar também em casa a dama de companhia, uma americana velha, que naturalmente não aparecerá na sala, nem estorvará a conversa.

E Minervino empurrava Salema para a porta, repetindo sempre:

— Vai! Vai! Não te demores!

Salema saiu, atravessou a rua, e entrou em casa da viúva Perkins.

No corredor pôs-se a pensar na esquisitice da embaixada que o amigo lhe confiara.

— Que diabo! — refletiu ele. — Não sei quem é esta senhora; vou falar-lhe pela primeira vez... Não seria mais natural que o Minervino procurasse alguém que a conhecesse e o apresentasse? Mas, ora adeus! Eles namoram-se;<sup>16</sup> é de esperar que o embaixador seja recebido de braços abertos.

Alguns minutos depois, Salema achava-se na sala da viúva Perkins, uma sala mobiliada sem luxo, mas com um certo gosto, cheia de quadros e outros objetos de arte. Na parede, por cima do divã de repes, o retrato de um homem novo ainda, muito louro, barbado, de olhos azuis, lânguidos e tristes. Provavelmente o americano defunto.

Salema esperou uns dez minutos.

Quando a viúva Perkins entrou na sala, ele agarrou-se a um móvel para não cair; paralisaram-se os movimentos, e não pôde reter uma exclamação de surpresa.

Era ela! Ela!... A misteriosa mulher que encontrara, havia muitos meses, num bonde das Laranjeiras, e meigamente lhe sorrira, e o impressionara tanto, e desaparecera, deixando-lhe no coração um sentimento indizível, que nunca soubera clas-

---

<sup>16</sup>“Namorar”, aqui, com um sentido bem diferente do que entendemos hoje: é sinônimo de paquerar discretamente, ou ainda o simples gostar de alguém. [N. do E.]

sificar direito.

Durante muitos dias e muitas noites a imagem daquela mulher perseguiu-o obstinadamente, e ele debalde procurou tornar a vê-la nos bondes, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nos bailes, nos passeios, nas festas. Debalde!

— Oh! — disse a viúva, estendendo-lhe a mão muito naturalmente, como se fizesse a um velho amigo. — Era o senhor?

— Conhece-me? — balbuciou Salema.

— Ora essa! Que mulher poderia esquecer-se de um homem a quem sorriu? Quando aquele dia nos encontramos no bonde das Laranjeiras, já eu o conhecia. Tinha-o visto uma noite no teatro e, não sei por quê... Por simpatia, creio... Perguntei quem o senhor era, não me lembro a quem. Lembra-me que o puseram nas nuvens. Por que nunca mais tornei a vê-lo?

Diante do desembaraço da viúva Perkins, Salema sentiu-se ainda mais tímido que Minervino — mas cobrou ânimo, e respondeu:

— Não foi porque não a procurasse por toda a parte.

— Não sabia onde eu morava?

— Não, supus que nas Laranjeiras. Vi-a entrar naquele sobrado, e debalde passei por lá um milhão de vezes, na esperança de tornar a vê-la.

— Era impossível; aquela é a casa de minha irmã, só abre quando ela vem da fazenda. O sobrado está fechado há oito meses. Mas sente-se. Aqui, mais perto de mim. Sente-se, e diga o motivo da sua visita.

De repente, e só então, Salema lembrou-se do Minervino.

— O motivo de minha visita é muito delicado; eu...

— Fale! Diga sem reбуço o que deseja! Seja franco! Imiteme! Não vê como sou desembaraçada? Fui educada por meu marido...

E apontou para o retrato.

— Era americano; educou-me à americana. Não há, creia,

não há educação como esta para salvaguardar uma senhora. Vamos, fale!

— Minha senhora, eu sou. . .

Ela interrompeu:

— É o Senhor Nuno Salema, órfão, solteiro, empregado público, literato nas horas vagas, que vem pedir a minha mão em casamento.

Ela estendeu-lhe a mão, que ele apertou.

— É sua! Sou a viúva Perkins, honesta como a mais honesta, senhora das suas ações, e quase rica. Não tenho filho nem outros parentes por meu marido, e uma irmã fazendeira, igualmente viúva. Não percamos tempo!

Salema quis dizer alguma coisa, mas ela não o deixou falar.

— Amanhã parto para a fazenda da minha irmã. Venha comigo, à americana, para lhe ser apresentado.

Nisto entrou na sala, vindo da rua, apressado, o irmão da viúva Perkins, um moço de vinte anos, muito correto, muito bem trajado.

— Mano, apresento-lhe o Senhor Nuno Salema, meu noivo.

O rapaz inclinou-se, apertou fortemente a mão do futuro cunhado, e disse:

— *All righth!*

Depois inclinou-se de novo e saiu da sala, sempre apressado.

— Mas, minha senhora — tartamudeou o noivo muito confundido —, imagine que o meu colega Minervino, que mora ali defronte. . .

A viúva aproximou-se da janela. Minervino estava na dele, defronte, e assim que a viu deu um pulo para trás e sumiu-se.

— Ah, aquele moço? Coitado! Não posso deixar de sorrir quando olho para ele. É tão ridículo com o seu namoro à brasileira!

— Mas...ele...tinha-me encarregado de pedi-la em casamento, e eu entrei aqui sem saber quem vinha encontrar...

— Deveras?! — exclamou a viúva Perkins.

E ei-la acometida de um ataque de riso:

— Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!

E deixou-se cair no divã:

— Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!

Salema aproximou-se da viúva, tomou-lhe as mãozinhas, beijou-as, e perguntou:

— Que hei de dizer ao meu amigo?

Ela ficou muito séria, e respondeu:

— Diga-lhe que quem tem boca não manda soprar.

# 14

## VINGANÇA

*a Lúcio Esteves*

QUANDO MADAME D'ARBOIS chegou ao Rio de Janeiro, escriturada numa *troupe* parisiense que fez as delícias dos frequentadores do Cassino Franco Brésilien, muitos rapazes se apaixonaram por ela. Dizia-se que Madame d'Arbois resistia heroicamente a todas as seduções, guardando absoluta fidelidade ao marido, um *cabotin* qualquer, que ficara em França, esperando filosoficamente que ela voltasse da América, endinheirada e feliz.

O jovem comendador Cardoso, que não acreditava em Penélopes de bastidores, e era, em questões eróticas, de uma diplomacia insigne, com tanta habilidade soube levar água ao seu moinho, que ao cabo de dois meses vivia maritalmente com Madame d'Arbois.

Por esse tempo dissolveu-se a *troupe*, e o jovem comendador Cardoso aproveitou o ensejo para pedir à amiga que abandonasse o teatro. Nada lhe faltaria em casa dele, que era negociante e rico. Ela aceitou depois de muito hesitar, impondo como condição que ele estabeleceria ao marido, em Paris, uma pequena mesada de quinhentos francos.

Durante um ano as delícias dessa mancebia não foram perturbadas pela mais leve contrariedade. O jovem comendador Cardoso e Madame d'Arbois pareciam talhados um para o ou-

tro. Ele era um homem simpático, de trinta anos, pouco instruído é verdade, mas senhor desses hábitos sociais que até certo ponto dispensam a educação literária. Ela era uma mulher bonita, alegre, quase espirituosa, e uma senhora dona de casa, econômica e asseada como todas as francesas. Que mais poderiam ambos desejar. . .

\*\*\*

Tudo cansa. Ao cabo de um ano, Madame d'Arbois começou a sentir nostalgia dos bastidores. De mais a mais, aconteceu que o empresário da melhor companhia brasileira de operetas, mágicas e revistas<sup>17</sup> lhe ofereceu um vantajoso contrato, convidando-a, nada mais nem menos para substituir a estrela de maior grandeza que então brilhava no firmamento do teatro fluminense, estrela que se retirava temporariamente para a Europa.

O jovem comendador Cardoso pôs os pés à parede. Que não, que não, que não! A Lolotte — Madame d'Arbois chamava-se Charlotte — não precisava trabalhar para viver! Que o não aborrecessem!

— *Mais non, mais non! Il ne s'agit point d'argent, mon pauvre chéri — obtemperava Lolotte. — Je sens que je ferai une g'rosse maladie si je ne retourne pas au théâtre! Eh bien... voyons... sois gentil... Il faut que tu y consentes...*

Um negociante, compadre do empresário, foi ter com o jovem comendador Cardoso, de quem era amigo íntimo, e interveio com muito empenho:

— Que diabo! Consente, Cardosinho, consente! Se não lhe fazes a vontade, ela contraria-se, e não há nada pior que uma

---

<sup>17</sup>Isto é, o teatro de revista, um gênero humorístico da dramaturgia, popular no Brasil e em Portugal em períodos dos sécs. XIX e XX, caracterizado pela sátira da sociedade, dos costumes e da política. No Brasil, o grande autor desse tipo de espetáculo foi o próprio Artur Azevedo. [N. do E.]

mulher contrariada. Depois, vê lá: não é nada, não é nada, mas sempre são seiscentos bagarotes que a pequena mete no banco todos os meses! Não vás tu privá-la desse pecúlio!

Este último argumento foi irresistível. Mês e meio depois, Madame d'Arbois estreava-se no papel da protagonista de uma opereta.

Foi completo o seu triunfo. Ela falava um português fantástico, e na cantoria desafinava que era um horror, mas o público, o magnânimo público fluminense, fechou os olhos a esses defeitos, e aplaudiu-a freneticamente. Madame d'Arbois teve que repetir três vezes certas coplas cuja letra ninguém percebia, mas eram cantadas com um movimento de quadris capaz de entontecer um santo.

\*\*\*

Razão tinha o jovem comendador Cardoso em não querer que a amiga voltasse para o teatro. Dentro de pouco tempo notou nas suas maneiras uma diferença enorme. A diva contrariava-se visivelmente quando ele, cansado de esperá-la no saguão do teatro, penetrava até o camarim.

Uma vez encontrou lá dentro, familiarmente sentado, o Lopes, o primeiro ator cômico da companhia, que logo se retirou, dizendo:

— Adeusinho, comendador; vim cá restituir à colega o *rouge* que lhe pedira emprestado.

Ele não podia desconfiar do Lopes. Era este um artista de talento, e o público estimava-o deveras, mas a Lolotte poderia lá gostar de um homem tão feio, tão desdentado e tão pouco cuidadoso da sua roupa!

Entretanto, uma carta anônima, escrita com letra de mulher, tudo lhe disse. A primeira atriz cantora e o primeiro ator

cômico encontravam-se, quase todos os dias, depois do ensaio, em casa de uma corista, perto do teatro.

Um dia, o jovem comendador Cardoso, depois de se haver posto em observação numa casa que ficava em frente à da hospitaleira corista, saiu, atravessou a rua e entrou na sala das entrevistas. Lolotte estava sentada, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro turco; o Lopes de pé, em ceroulas.

O primeiro ator cômico, ao ver o jovem comendador Cardoso, não perdeu o sangue-frio, e começou a fingir que estava a ensaiar.

— É como vos digo, Princesa Briolanja; o rei, vosso pai, não acredita nas palavras da Fada das Safiras, e quer absolutamente encontrar nos seus remos um mancebo, fidalgo ou vilão, que vença o Dragão Vermelho, e vos despose!...

Mas o jovem comendador Cardoso não engoliu a pílula, e disse, dirigindo-se à Princesa Briolanja, que continuava a fumar o seu cigarro turco:

— Bem, estou satisfeito; vi o que queria ver. Fique-se com o senhor Lopes, que realmente é digno da senhora!

E saiu arrebatadamente.

— E agora? — perguntou o cômico.

— Oh! Ele voltará! — afirmou ela, carregando os erres, entre uma baforada de fumo.

E foram deitar-se.

\*\*\*

O jovem comendador Cardoso não voltou, e Madame d'Arbois ficou bastante contrariada, porque o ator Lopes tinha numerosa família — mulher e filhos — e não lhe dava um vintém. Demais, ela bem depressa fartou-se desses amores reles. Que doidice a sua: trocar por aquele tipo um rapaz rico, inteligente, simpático e generoso!



Acresce que a opereta, recebida com grande entusiasmo durante as primeiras trinta representações, já não atraía o público; o teatro ficava agora todas as noites vazio e o empresário já devia um mês de ordenados à companhia. . .

\*\*\*

A primeira representação da peça que estava em ensaios, a tal em que entravam a Fada das Safiras e o Dragão Vermelho, devia ser dada em benefício do Lopes, e esse espetáculo era ansiosamente esperado. O beneficiado via-se doido para atender aos numerosos pedidos de bilhetes. Nos jornais apareciam todos os dias grandes reclames à “festa artística”, anunciada também pelas esquinas em vistosos cartazes, onde este nome — LOPES — se destacava em enormes caracteres vermelhos.

Chegou a noite do espetáculo. Às sete horas e meia as torrinhãs, os corredores e o jardim do teatro já estavam apinhados. Uma hora depois, a sala transbordava, e toda aquela gente abanava-se com leques, ventarolas, lenços e programas, bufando de calor. Os espectadores das torrinhãs batiam com os pés e as bengalas, e dirigiam chufas aos da plateia e dos camarotes, talvez com a ideia de se vingarem de os ver em lugares menos incômodos. Os críticos teatrais estavam a postos. Os músicos afinavam os instrumentos; um garoto apregoeava o retrato e a biografia do glorioso Lopes; as conversações cruzavam-se; e todos esses ruídos juntos produziam um barulho ensurdecedor e terrível.

De repente, ouviu-se o agudo som de uma sineta ao mesmo tempo que uma campainha elétrica retinia longamente, e a sala, até então quase escura, aparecia numa intensidade de luz, arrancando um prolongado *O...o...Oh!...* das torrinhãs. Eram nove horas.

Restabelecido o silêncio, o regente da orquestra subiu vagarosamente para o seu lugar, abriu a partitura, falou em voz

baixa a alguns músicos, bateu três pancadas na estante, levantou a batuta, e fez executar a *ouverture*.

Terminada esta, naturalmente esperavam todos que o pano subisse, mas não subiu.

Passaram-se alguns minutos.

Começou o público a impacientar-se, batendo com os pés. A pateada cresceu. Uma ordenança foi destacada do camarote da polícia para o palco. O beneficiado, vestido de escudeiro de mágica, surgiu no proscênio e foi recebido com uma salva de palmas. Mas de todos os lados fizeram psiu! psiu! — e o barulho cessou.

— Respeitável público — disse o primeiro ator cômico — o espetáculo não pode ter começo, porque a atriz Madame d'Arbois, incumbida de um dos principais papéis, até agora não apareceu no teatro. Rogo-vos humildemente que espereis alguns minutos mais, e me perdoeis esta falta, inteiramente alheia à minha vontade.

Esse cavaco foi acolhido com outra salva de palmas. O Lopes retirou-se, cumprimentando e agradecendo para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, e os comentários, os risos, as imprecizações e os gracejos começaram num vozerio atroador.

De vez em quando saíam da caixa do teatro, ou para lá entravam, correndo pelo corredor, pessoas azafamadas, espavoridas — empregados da contra-regra, costureiras etc. — mandadas à procura de Madame d'Arbois.

Passava das nove e meia quando o Lopes, coagido pela polícia, veio de novo ao proscênio declarar que, não se achando Madame d'Arbois no teatro nem na casa de sua residência, ficava o espetáculo transferido para quando se anunciasse.

Desta vez não houve palmas que saudassem o primeiro ator cômico.

A saída dos espectadores fez-se no meio de uma confusão

indescritível. Muitos exigiram que lhes fosse restituído o dinheiro, e promoveram desordem na bilheteria. Foi necessária a intervenção da polícia. Só às onze horas pode ser restabelecida a ordem e fechado o teatro.

\*\*\*

Onde estava Madame d'Arbois?

No dia do espetáculo ela acabara de jantar, e, reclinada na sua espreguiçadeira, relia mais uma vez o interessante papel de Princesa Briolanja, que devia representar essa noite, quando lhe trouxeram uma carta do jovem comendador Cardoso.

— Ah! Ah! — pensou a francesa com um sorriso de triunfo.  
— Voltou ou não voltou?

E abriu a carta:

Lolotte — Escreveste-me, pedindo que te perdoasse. Perdoote, mas sob uma condição: deixarás de representar hoje no benefício do homem que foi o causador da nossa separação, ou, por outra, nunca mais representarás. Só assim serei para ti o mesmo que já fui. Se aceitas, mete-te no carro que aí te irá buscar às sete horas da noite, e vai ter comigo no Hotel Laroche, no alto da Tijuca, onde estou passando uns dias, e onde ficarás em minha companhia. Se não, não. — Cardoso.

Princesa Briolanja leu e releu esse bilhete.

Era o perdão, era o descanso, era a fortuna, que lhe traziam aquelas letras. Deixando de comparecer ao espetáculo, ela praticava uma ação feia, provocava um escândalo inaudito, mas isso que lhe importava, se saía do teatro e ia outra vez estar de casa e pucarinha<sup>18</sup> com aquele homem distinto a quem tantos favores e tanto afeto devia?

<sup>18</sup>Utensílio doméstico; “de casa e pucarinha”, com todo o conforto, com tudo de mão beijada. [N. do E.]

Pouco depois da hora aprazada, Lolotte entrou no discreto *coupé* que a esperava à porta de casa, e chegou ao Hotel Laroché precisamente na ocasião em que o Lopes, desesperado, apelava para a paciência do público.

\*\*\*

Ao entrar no hotel, Madame d'Arbois perguntou a um criado:

— O comendador Cardoso?

— Não está, mas deixou um bilhete para Madame d'Arbois.

É a senhora?

— Sim, sou eu.

E a desgraçada leu o seguinte:

Caíste como um patinho, minha toleirona. Estou vingado de ti e do teu Lopes. Volta para ele; é tão pulha, que talvez te aceite ainda. — Cardoso.

# 15

## COMO EU ME DIVERTI

CONTO COMÉDIA

### PERSONAGENS

Jorge, empregado no comércio.

O comendador Andrade, negociante, sócio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.

Um médico.

Dona Maria, excelente senhora de meia idade, estabelecida com casa de alugar cômodos a moços solteiros.

A ação passa-se no Rio de Janeiro, em quarta-feira de cinzas. Atualidade.

### ATO ÚNICO

A cena representa a sala e a alcova que Jorge ocupa em casa de dona Maria. Atirado sobre um velho canapé um hábito de frade encardido de suor e sujo de lama. No chão, um par de luvas, igualmente sujas, e um nariz de papelão quase a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de óculos.

Cena Primeira  
DONA MARIA, O MÉDICO

O médico — Que tem ele?

Dona Maria — Não sei, doutor, não sei. O senhor Jorge tem muito bom coração, mas tem muito má cabeça: é doido pelo Carnaval.

O médico — Gabo-lhe o gosto.

Dona Maria — Ontem vestiu-se de frade, pôs aquele nariz postiço e andou, num carro todo enfeitado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no Hotel Ravot, acompanhando um préstito. Só o vestuário da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O médico — Quem lhe disse?

Dona Maria — Os meus hóspedes não têm segredo para mim.

O médico — Adiante.

Dona Maria — Para se não constipar, o pobre moço levou consigo, por baixo do hábito, uma garrafa de conhaque e de vez em quando atiçava-lhe que era um gosto! Quando o préstito passou pela primeira vez na Rua do Ouvidor (eu estava lá) já ia o frade que não se podia lambar! Depois na Rua da Constituição — isto sei eu por um amigo dele, que tudo viu — outro moço, também fantasiado, bifou-lhe a pelintra,<sup>19</sup> e isso deu lugar. . .

O médico — . . . A um rolo! Pudera!

Dona Maria — Racharam-lhe a cabeça!

O médico — Naturalmente.

Dona Maria — E o demônio do rapaz andou toda a noite, de cabeça rachada, à procura da tal mulher, dos Fenianos para os Tenentes e dos Tenentes para os Democráticos, bebendo sem-

---

<sup>19</sup>Isto é, o outro sujeito tomou-lhe a mulher. [N. do E.]

pre, até cair na Rua do Fogo, às três horas da madrugada.<sup>20</sup>

O médico — Com efeito!

Dona Maria — A polícia levou-o para a estação da Travessa do Rosário, e pela manhã uns amigos que tinham sido avisados trouxeram-no para casa.

O médico — Onde está ele?

Dona Maria — Naquela alcova. Há cinco horas que ali está deitado, sem dar acordo de si. Por isso mandei chamá-lo, Doutor.

O médico — Fez bem. Vamos vê-lo.

(Entram na alcova)

### Cena Dois JORGE, O MÉDICO, DONA MARIA

(Na alcova, Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços caídos. O médico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.)

O médico (tomando o pulso do doente) — Não tem febre. (Depois a examinar-lhe a cabeça.) O ferimento nada vale; já lhe puseram uns pontos falsos, é quanto basta... O seu hóspede tem apenas o que os estudantes chamam “uma ressaca”; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quiser tomar alguma coisa, dê-lhe uma canja, dois dedos de vinho do Porto misturado com água de Vichi, um pouco de marmelada, e disse: — Se amanhã continuar incomodado, que tome um laxante.

---

<sup>20</sup>No Rio de Janeiro, os primeiros clubes carnavalescos, ou “grandes sociedades carnavalescas” como se dizia, entraram em atividade em 1855; os seus maiores expoentes foram os Fenianos, os Democráticos e os Tenentes do Diabo. O Clube dos Democráticos existe até a atualidade. [N. do E.]

Cena Três  
O MÉDICO, DONA MARIA

(Na sala.)

O médico (Tomando o chapéu.) — A senhora não imagina como estimei por ter sido chamado para ver este senhor Jorge. Foi uma providência.

Dona Maria — Por que, Doutor?

O médico — Conheço-o, mas não sabia que se tratava dele. É o namorado, quase noivo de minha afilhada, filha do meu amigo Raposo. A menina gosta dele, e o pai já estava meio inclinado a consentir no casamento; tinham-lhe dado boas informações sobre este pândego. Agora, porém, vou prevenir o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito dócil e me ouve acatamento.

Dona Maria — Valha-me Deus! E sou eu a culpada de tudo isto!

O médico — Culpada, por quê?

Dona Maria — Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz...

O médico — A senhora deve estar, pelo contrário, satisfeita, por ter indiretamente contribuído para este resultado. (Voltando-se para a alcova.) Que grande patife! Namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente embriagado, em companhia de uma prostituta.

Dona Maria — No carnaval tudo se desculpa.

O médico — Nada! Eu sou o padrinho, o segundo pai da-quele anjo!

Cena Quatro  
DONA MARIA, TOMANDO O MÉDICO PELO BRAÇO

Dona Maria — Doutor, doutor, não vá assim zangado com o senhor Jorge... Não diga nada à família da menina. Ah, se eu



soubesse! Mas, que quer? Vejo que este hóspede tem segredos para mim. (O doutor tenta safar-se.) Ouça, Doutor. Ele tem um bom emprego, é muito estimado pelos patrões. . .

O médico — E a minha afilhada tem um dote de cento e cinquenta contos.

Dona Maria (aterrada, largando o braço do médico) — Cento e cinquenta contos!

O médico (saindo) — Fora o que lhe há de caber por morte do pai! — (Chegando à porta, para, volta-se e diz) — Canja, vinho do Porto, água de Vichi, marmelada, e disse!

### Cena Cinco DONA MARIA, DEPOIS ANDRADE

Dona Maria fica perplexa, de olhos baixos, na atitude de Fedra, quando diz: — *Juste ciel! qu' ai je faite aujourd'hui?*  
<sup>21</sup> É despertada bruscamente pelo comendador Andrade, que entra com espalhafato.

O comendador (gritando) — Onde está o senhor Jorge?

Dona Maria (consigo) — Um homem zangado! É ele, é o pai da menina!

O comendador — Senhora, pergunto-lhe pelo senhor Jorge!

Dona Maria — Está doente. . . Naquela alcova; dorme. . .

O comendador — Já me contaram as façanhas que ele praticou esta noite! (Apanhando o nariz postiço.) Cá está uma prova! (Atira-o longe.)

Dona Maria — Desculpe-me essa rapaziada, e não lhe negue a mão da menina.

O comendador — A mão da menina! Que menina?

Dona Maria — Sua filha.

---

<sup>21</sup>“Deus do céu, que fiz hoje?” Fragmento de *Fedra*, de Racine (1677). [N. do E.]

O comendador — Minha filha? Qual delas? Pois este mari-  
ola ainda por cima se atreve a erguer os olhos para uma das  
filhas do seu patrão!

Dona Maria — Do seu patrão? Ah! Então não é o senhor  
Raposo?

O comendador — Que Raposo, nem meio Raposo! Eu sou  
o comendador Andrade, sócio principal da firma Andrade, Go-  
mes & Companhia! O senhor Jorge está dormindo, disse a  
senhora.

Dona Maria — Sim, senhor.

O comendador — Pois bem; quando acordar, diga-lhe que  
eu aqui estive, e o ponho no olho da rua! Que apareça para  
fazermos as contas!

Dona Maria — Atenda, senhor comendador!

O comendador — A nada atendo! A casa Andrade, Gomes  
& Companhia não pode ter empregados que se embriagam e  
passam a noite no xadrez! Era o que faltava! (Sai arrebatada-  
mente.)

### Cena Seis JORGE, DONA MARIA

Na alcova, dona Maria sai.

Jorge (Abre um olho, depois o outro, olha em volta de si,  
certifica-se que está em sua casa, dirige a dona Maria um sor-  
riso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com  
voz rouca e sumida) — Como eu me diverti!

Cai o pano.

# 16

## A “DONA BRANCA”

*a Delgado de Carvalho Júnior*

NO DIA 6 DE OUTUBRO DE 1891, quando o senhor Vieira, às sete horas da manhã, pôs o chapéu para sair, dona Catarina, sua esposa, disse, consertando-lhe o laço da gravata:

— Sabes de uma coisa? Mana Adelaide mandou convidar-me para ir hoje com ela ao Teatro Lírico.

— Que ideia!

— Aí vens tu! Vai-se embora a companhia e eu não assisto a um único espetáculo, podendo ouvir a *Dona Branca* de graça!

— Mas, filha, não te lembras que dia é hoje?

— É terça-feira.

— E então?

— E então?

— Pois não sabe que às terças-feiras não dispenso o meu voltaretezinho<sup>22</sup> em casa do compadre?

— Quem te diz que não vás ao teu voltaretezinho? Mana Adelaide conhece os teus hábitos e as tuas impertinências; foi a mim e não a ti que convidou.

— Mas...

— Olha, eu vou jantar com ela nas Laranjeiras e de lá vamos juntas para o teatro; acabado o espetáculo, ela traz-me no

---

<sup>22</sup>Voltarete, carteadado português, popular em Portugal e no Brasil até o início do séc. XIX. São quarenta cartas para três jogadores: cada um recebe nove cartas, restando 13 cartas na mesa, para serem compradas. [N. do E.]

seu carro, e deixa-me ficar em casa. Não gastas um vintém, nem te incomodas.

— Bem sei, mas não é bonito uma senhora casada ir ao teatro sem seu marido.

— Mas com sua irmã... e com o marido de sua irmã...

— Bom, bom, vai; não quero que me chamem desmancha-prazeres. Jantarei sozinho.

O senhor Vieira saiu, foi tratar da vida, e quando, às quatro horas, voltou à casa, já dona Catarina tinha essa ter com a irmã.

O pobre homem ficou muito aborrecido naquela solidão. Toda sua família era essa bela senhora com quem se casara em 1885 e contava dez anos menos que ele.

Tinha quarenta e quatro invernos o senhor Vieira, e inteligência bastante para perceber que dona Catarina o não amava; entretanto, contentava-se da respeitosa amizade com que ela se impunha serenamente à sua estima, e preferia mesmo esse discreto sentimento ao amor desordenado e doentio, que produz ciúmes e dispepsias, maus humores e lesões cardíacas. Depositava uma confiança cega em sua mulher e estimava-a deveras. Sentia-se feliz.

Mais feliz seria, entretanto, se houvesse uma criança naquela casa. Dona Catarina sofria por vezes longos acessos de melancolia; algumas noites deixava o esposo sozinho na larga cama de casados, e ia revolver-se num sofá, suspirando, irrequieta, nervosa, sem poder dormir. Mas esses fenômenos eram passageiros e o marido atribuía-os à ausência da prole.

— Decididamente, falta uma criança nesta casa!

Depois daquele jantar de solteirão, o senhor Vieira dormiu a sesta, e às sete horas foi para casa do compadre, em São Cristóvão. O senhor Vieira morava no Catete.

— Bravos! Cá está o nosso homem! — exclamou o compadre e exclamaram mais dois amigos da vizinhança, que se

achavam à espera do parceiro. — Vamos ao vício!

Os quatro companheiros sentaram-se às oito horas e jogaram até perto da meia-noite. O senhor Vieira ganhou dezenove mil e quinhentos. Nunca estivera com tanta sorte.

À meia-noite, depois do chá com torradas, o nosso homem saiu, e foi esperar a condução na esquina. Passados uns vinte minutos, apareceu um bonde, mas em sentido contrário, e parou para fazer saltar o Lamenha, que era vizinho paredes meias do compadre.

— Olá! A estas horas, seu Lamenha? — perguntou o senhor Vieira. — Já sei que vem do Lírico; foi ouvir a *Dona Branca*.

— Ora deixe-me com a *Dona Branca*! Se soubesse...

— Então a ópera não presta?

— Não sei; o espetáculo não passou do começo!

— Ora essa! Por quê?

— No fim do primeiro ato o público das torrinhas chamou à cena o empresário para ferrar-lhe uma pateada, não sei por que motivo. O empresário não quis vir. O público zangou-se. A polícia interveio, e agora é que são elas! Ah, seu Vieira, que rolo!

— Deveras? — perguntou o outro, empalidecendo.

— Os soldados da polícia acutilavam a torto e a direito, os bancos voavam, os globos dos candeeiros partiam-se, as famílias separavam-se numa confusão medonha, as senhoras tinham chiliques e soltavam gritos...

— As senhoras? Meu Deus!... e a minha!...

— Há muita gente ferida, e não será para admirar que houvesse mortes! Eu escapei por milagre!

— E minha mulher que foi a este espetáculo!

— Sua senhora? Não a vi. Só vi sua cunhada, a Dona Adelaide, sozinha, correndo e gritando que parecia uma louca!

— Pois estavam juntas! Felizmente aí vem o bonde. Quem sabe se não vou encontrá-la morta? Eu bem que queria que

não fosse à tal *Dona Branca*! Ora esta!

E o senhor Vieira tomou o bonde, sem mesmo se despedir de Lamenha. Imaginem o desassossego com que o pobre diabo fez a viagem de São Cristóvão ao largo de São Francisco. Aí tomou um túburi. O cocheiro confirmou a informação do Lamenha, acrescentando que tinham morrido duas senhoras, sendo uma de susto.

Ao passar pela Guarda Velha, o senhor Vieira notou que o Lírico estava imerso nas trevas e no silêncio. Chegou à casa, e expectorou um grande suspiro de alívio ao entrar na alcova: dona Catarina dormia tranquilamente, envolvida no seu lençol.

O marido despiu-se em silêncio e deitou-se ao lado da senhora.

Ela despertou:

— Ah, és tu?

Ele, completamente serenado, resolveu gracejar e perguntou-lhe sorrindo:

— Então, minha senhora, que me diz de *Dona Branca*?

— É uma ópera muito bonita.

— Hein?

— O último ato principalmente, acrescentou dona Catarina com muita convicção.

O senhor Vieira sentiu o sangue lhe subir à cabeça, mas conseguiu dissimular, e perguntou se a ópera tinha sido bem cantada.

— Perfeitamente cantada, respondeu ela, mentindo como só as mulheres sabem mentir.

— E não houve novidade durante o espetáculo?

— Nenhuma. O GabrieleSCO esteve sublime!

— O GabrieleSCO? No último ato?

— Em todos os atos. É um tenorão!

— Está bem.

O senhor Vieira apagou a vela e fingiu que se aninhava para dormir.

— Aí está você amuado! Eu por seu gosto não saía de casa, não me divertia, vivia metida entre quatro paredes! Que homem!...

Ele resmungou uns sons inarticulados; não respondeu.

— Será possível que o Lamenha me enganasse? — pensava o marido. — Não; e o cocheiro do tálburi?

O senhor Vieira passou, talvez pela primeira em sua vida, uma noite completamente em claro. Ergueu-se logo ao amanhecer, saiu, convenceu-se de uma verdade terrível, e nesse mesmo dia separou-se para sempre de dona Catarina.

Na terça-feira seguinte, o senhor Vieira não faltou ao voltaretezinho do compadre.

Quando este lhe perguntou: — Então?... Que foi isso?... A comadre? — ele respondeu melancolicamente:

— A comadre ouvia-me dizer que em nossa casa faltava uma criança e quis arranjar-la fora... Deixa lá! Vamos ao vício! Nessa noite perdeu quinze mil e oitocentos.

# 17

## O VELHO LIMA

*a Francinal Vassico*

O VELHO LIMA, QUE ERA empregado — empregado antigo — numa das nossas repartições públicas, e morava no Engenho de Dentro, caiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de novembro de 1889, isto é, na véspera da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

O doente não considerou a moléstia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quis médico: bastaram-lhe alguns remédios caseiros, carinhosamente administrados por uma né-dia mulata que há vinte e cinco anos lhe tratava com igual solicitude do amor e da cozinha. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.

O nosso homem tinha o hábito de não ler jornais e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), ele ignorava completamente que o Império se transformara em República.

No dia 23, restabelecido e pronto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou lugar no trem, ao lado do comendador Vidal, que o recebeu com estas palavras:

— Bom dia, cidadão.

O velho Lima estranhou o cidadão, mas de si para si pensou que o comendador dissera aquilo como poderia ter dito ilustre, e não deu maior importância ao cumprimento, limitando-se a responder:



— Bom dia, comendador.

— Qual comendador! Chama-me Vidal! Já não há comendadores!

— Ora essa! Então por quê?

— A República deu cabo de todas as comendas! Acabaram-se!

O velho Lima encarou o comendador e calou-se, receoso de não ter compreendido a pilhéria.

Passados alguns segundos, perguntou-lhe o outro:

— Como vai você com o Aristides?

— Que Aristides?

— O Silveira Lobo.

— Eu! Onde?... Como?...

— Que diabo! Pois o Aristides não é o seu ministro? Você não é empregado de uma repartição do Ministério do Interior?

Desta vez não ficou dentro do espírito do velho Lima a menor dúvida de que o comendador houvesse enlouquecido.

— Que estará fazendo a estas horas o Pedro II? — perguntou Vidal, passados alguns momentos. — Sonetos, naturalmente, que é do que mais se ocupa aquele tipo!

“Ora vejam”, refletiu o velho Lima, “ora vejam o que é perder a razão: este homem quando estava no seu juízo era tão monarquista, tão amigo do imperador!”

Entretanto o velho Lima indignou-se, vendo que o subdelegado de sua freguesia, sentado no trem, defronte dele, aprovava com um sorriso a perfídia do comendador.

— Uma autoridade policial! — murmurou o velho Lima.

E o comendador acrescentou:

— Eu só quero ver como o ministro brasileiro recebe o Pedro II em Lisboa; ele deve lá chegar no princípio do mês.

O velho Lima comovia-se:

— Não diz coisa com coisa, coitado!

— E a bandeira? Que me diz você da bandeira?

— Ah, sim... a bandeira... sim... — repetiu o velho Lima para o não contrariar.

— Como a prefere: com ou sem lema?

— Sem lema — respondeu o bom homem num tom de profundo pesar: — sem lema.

— Também eu; não sei o que quer dizer bandeira com le-treiro.

Como o trem se demorasse um pouco mais numa das esta-ções, o velho Lima voltou-se para o subdelegado e disse-lhe:

— Parece que vamos ficar aqui! Está cada vez pior o serviço de Pedro II!

— Qual Pedro II! — bradou o comendador. — Isto já não é de Pedro II! Ele que se contente com os cinco mil contos! — E vá para a casa do diabo! — acrescentou o subdelegado.

O velho Lima estava atônito. Tomou a resolução de calar-se.

Chegado à praça da Aclamação, entrou num bonde e foi até à sua Secretaria sem reparar em nada nem nada ouvir que o pusesse ao corrente do que se passara.

Notou, entretanto, que um vândalo estava muito ocupado a arrancar as coroas imperiais que enfeitavam o gradil do par-que da Aclamação.

Ao entrar na Secretaria, um servente preto e mal trajado não o cumprimentou com a costumeira humildade; limitou-se a dizer-lhe:

— Cidadão!

“Deram hoje para me chamar cidadão!” — pensou o velho Lima.

Ao subir, cruzou na escada com um conhecido de velha data.

— Oh! Você por aqui! Um revolucionário numa repartição do Estado!

O amigo cumprimentou-o cerimoniosamente.

“Querem ver que já é alguém!”, refletiu o velho Lima.

— Amanhã parto para a Paraíba — disse o sujeito cerimonioso, estendendo-lhe as pontas dos dedos. — Como sabe, vou exercer o cargo de chefe de polícia. Lá estou a seu dispor.

E desceu.

— Logo vi! Mas que descarado! Um republicano exaltadíssimo! . . .

Ao entrar na sua seção, o velho Lima reparou que haviam desaparecido os reposteiros.

— Muito bem! — disse consigo. — Foi uma boa medida suprimir os tais reposteiros pesados,<sup>23</sup> agora que vamos entrar na estação calmosa.

Sentou-se e viu que tinham tirado da parede uma velha litografia representando D. Pedro de Alcântara. Como na ocasião passasse um continuo, perguntou-lhe:

— Por que tiraram da parede o retrato de Sua Majestade?

O continuo respondeu num tom lentamente desdenhoso:

— Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana?

— Pedro Banana! — repetiu raivoso o velho Lima.

E, sentando-se, pensou com tristeza:

— Não dou três anos para que isso seja república!

---

<sup>23</sup>Reposteiro é uma cortina que serve como porta, ou como divisória. [N. do E.]

# 18

## A “RÉCLAME”

*a Assis Pacheco*

### I

ERA UM DOMINGO. O comendador Viana acabou de almoçar, sentou-se numa cadeira de balanço, cruzou as mãos sobre o ventre, atirou o olhar pela janela escancarada que enchia de ar e luz a sala de jantar, e viu, no jardim vizinho, um homem a escrever, sentado à sombra de um caramanchão.

— Ó menina, dá cá o binóculo.

Laura, a esposa do comendador Viana, trouxe-lhe o binóculo, que ele assestou contra o homem do caramanchão.

— Não me enganava: é ele... É o tal Passos Nogueira!

— Que Passos Nogueira? — perguntou Laura.

O comendador não respondeu; voltou-se para a criada, que levantava a mesa, e interpelou-a:

— Aquele sujeito mora ali há muito tempo? Você deve saber...

— Que sujeito?

— Aquele que está escrevendo acolá, no jardim da casa de pensão, não vê?

— Ah, o poeta?

— Quem lhe disse a você que ele é poeta?

— É como o ouço tratar na vizinhança. Já ali morava quando viemos para esta casa.

— Entretanto, observou Laura, estamos aqui há oito meses e é a primeira vez que o vejo.

— Deveras? — perguntou dentre dentes o comendador, com um olhar de desconfiança.

— Ora esta! — murmurou Laura, muito admirada da inflexão e do olhar do marido.

— Parece impossível que minha ama não tenha reparado — acudiu a criada — porque o poeta vai todas as manhãs e todas as tardes escrever naquele lugar.

— Todas as manhãs? — indagou o dono da casa levantando-se.

— E todas as tardes, repetiu ingenuamente a criada.

E foi par a cozinha.

— Viana — obtemperou Laura, aproveitando a ausência da criada — você faz umas coisas esquisitas! Esta mulher vai ficar convencida de que meu marido tem ciúmes de um homem que nem sequer conheço!

— Aquilo é um bandido! — regougou o comendador.

— Pois deixe-o ser! Que temos nós com isso? Ele está na sua casa e nós na nossa.

— Se eu soubesse que aquele patife morava ali, não tínhamos vindo para cá!

— Mas que importa que ele more ali?

— Importa muito! Aquilo é sujeitinho capaz de manchar a reputação de uma senhora com um simples cumprimento. Ele algum dia já te cumprimentou?

— Pois eu já lhe disse que nunca reparei nesse homem?

— Ali onde o vês tem causado a desgraça de umas poucas de senhoras! Por causa dele a mulher de um negociante deixou o marido, a filha de um despachante da Alfândega saiu da casa do pai, e a viúva de um coronel tentou suicidar-se!

— Com efeito! — exclamou Laura, agarrando rapidamente no binóculo — deve ser um homem excepcional!...

— Não! É melhor que não o vejas! — ponderou o marido, tomando-lhe o binóculo das mãos. — Que interesse tens tu...?

— Apenas o interesse que você mesmo me despertou, contando-me as conquistas deste Napoleão do amor.

— Mulheres doentias e malucas, pobrezinhas que se deixaram levar por cantigas, ora aí tens!... Aquele peralta faz versos, e os jornais levam a dizer todos o dias que ele tem muito talento, e que é muito inspirado...

— Lembra-me agora que já tenho lido esse nome de Passos Nogueira.

— Oh, menina, vê lá se também tu...

— Descanse: já não estou em idade de me deixar levar por poesias.

— Pois sim, peço-te que não te debruces nesta janela quando o tal poetaço estiver no seu caramanchão.

— Por quê? Receias que eu caia? Ora deixe-se de ciúmes!

— Não são ciúmes, são zelos. Não receio pelo que possas fazer... mas tenho medo que a vizinhança murmure.

## II

Laura, que até então ignorava a existência do poeta Passos Nogueira, começou a interessar-se muito por ele, graças à *réclame* feita pelo comendador. Sentia-se atraída pela figura daquele horrendo sedutor de solteiras, casadas e viúvas, e duas vezes ao dia, reclinada à janela, olhava longamente para o poeta.

Este acabou por notar a insistência com que era contemplado pela vizinha, e prontamente correspondeu aos seus olhares lânguidos e prometedores.

Estabeleceu-se logo entre eles um desses namoros saborosos e terríveis, ridículos e absorventes, que monopolizam duas existências.

Para justificar a precipitação dos fatos, digamos que Laura, mulher de vinte e seis anos, romântica e nervosa, casara-se, muito nova ainda, com o comendador Viana, homem quinze anos mais velho que ela, curto e positivo, que não correspondia absolutamente ao seu ideal de moça.

Digamos ainda que o poeta Passos Nogueira, rapaz de talento vantajosamente apreciado, atordoou-se quando se viu provocado pelos bonitos olhos de uma bela mulher casada. Apesar da reputação que gozava e da qual se fizera eco o próprio comendador, Passos Nogueira jamais inscrevera ao seu canhenho<sup>24</sup> de conquistas fáceis aventura tão interessante, tão considerável como essa que agora lhe desassossegava o espírito e lhe espantava as rimas.

Digamos ainda que o comendador continuava todos os dias a fazer reclame ao namorado, referindo-se à sua pessoa em termos desabridos, insultando-o de modo que ele não ouvisse, e, finalmente, exprobrando a Laura, por mera presunção, que ela o animasse e lhe desse corda.

Não tardou que o poeta escrevesse à vizinha um bilhete, lançado por cima do muro que separava as duas casas. Perguntava-lhe pelo seu nome e pedia uma entrevista. Ela respondeu: “Não! Não é possível! Não me persiga! Esqueça-se de mim! Bem vê que não sou livre! Um encontro poderia causar a nossa desgraça!”

Mas, não obstante desengano tão decisivo e formal, no dia seguinte os olhos da moça encontraram-se com os do poeta. Ela sentia a necessidade, o dever de fugir daquele homem, mas não tinha forças para fazê-lo. E o namoro continuou.

Dois dias depois, novo bilhete. Ela abriu-o sôfrega e palpitante, e leu estes versos:

“Eu não sou livre”, escreveste;  
Porém, se livre não era,

---

<sup>24</sup>Caderninho de anotações. [N. do E.]

Por que com tantas quimeras  
Encheste um cérebro nu?  
Pedes que não te persiga. . .  
Mas, por teus olhos ferido,  
Reflete que o perseguido  
Sou eu, meu anjo, e não tu!

Quando da tua janela  
Atiras aos meus desejos  
Olhares que valem beijos,  
Por que tens beijos no olhar;  
Quando esses ternos olhares  
Com meus olhares se cruzam,  
Teus lindos olhos abusam  
Do seu condão de encantar!

Não te compreendo, vizinha;  
Tu mesma não te compreendes:  
Fazes-te amar, e pretendes  
Que eu fuja e te deixe em paz!  
Mas não vês que é negativo  
Este sistema que empregas?  
Tudo, escrevendo, me negas,  
— E, olhando, tudo me dás!

Vizinha, bela vizinha,  
Vizinha por quem padeço,  
Pois tais palavras mereço  
Que me fizeram chorar?  
O prometido é devido. . .  
Para que o peito me aquietes,  
Ou dá-me quanto prometes,  
Ou não prometas em dar!

### III

Para encurtar razões: Passos Nogueira e Laura foram por muito tempo, e não sei se continuam a ser, os amantes mais apaixonados que ainda houve.



Ela nunca perdoou ao marido o mau passo que deu. Seria ainda hoje o modelo das esposas, se o comendador não se lembrasse de fazer reclame ao poeta.

Este, por expressa recomendação da amante, nunca mais apareceu no caramanchão fatídico.

Isto fez com que o marido tornasse às boas. Uma tarde perguntou:

— Ó menina, então o poeta já ali não mora?

— Não sei — respondeu Laura com uma deliciosa indiferença. — Se se mudou, melhor! Um libertino daqueles!

— Deixa-o lá, coitado! Muitas vezes são mais as vozes do que as nozes.

— Que diabo! Foi você mesmo quem falou da filha do despachante, da mulher do negociante e da viúva do coronel!

— Disseram-me. Este Rio de Janeiro, menina, é a terra da maledicência. Deus me livre de que alguém se lembre de espalhar por aí que eu roubei o sino de São Francisco.

# 19

## O CONTRABANDO

*a Valentim Magalhães*

### I

GERALDO CASOU-SE MUITO NOVO, em 1871, aos vinte anos, e enviuvou aos trinta. Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre: viúvo, tornara-se macambúzio.

Foi para o pobre rapaz um golpe terrível e esmagador a morte da esposa querida, excelente senhora, bonita e bem educada, mais nova dois anos que o marido. Ele morreria também, se em 1874 não lhes houvesse nascido uma filhinha.

Órfão e sem parentes, Geraldo vive hoje apenas para essa criança, que vai fazer dezessete anos e é linda como os amores. Não a tem consigo, mas no próprio colégio, em que a mandou educar e de onde não a tirou ainda por não ter a quem confiá-la.

Aos domingos almoça e janta com ela, vai pela manhã buscá-la às Laranjeiras, e trá-la para casa em S. Cristóvão, depois de ouvirem ambos a missa das dez na matriz da Glória. À noite, leva-a para o colégio.

Nesses dias a casa do viúvo — o convento, como lhe chamam os vizinhos — transforma-se; as janelas abrem-se, o piano desperta os ecos adormecidos da sala, e há flores por toda a parte. Depois que a menina sai, a casa readquire o seu aspecto sombrio e monástico.

Nos outros dias Geraldo consola-se da ausência de Margarida — é este o nome dela — esquecendo os olhos na contemplação do seu retrato, uma fotografia recente, emoldurada, que enfeita e alegra a parede da sala, por cima do piano.

Infelizmente o viúvo não possui o retrato da morta, mas a filha parece-se tanto com a mãe, que a imagem de uma é bastante para aproximá-lo mentalmente de ambas, e confundi-las no mesmo carinho e na mesma saudade.

Geraldo é funcionário público. Ergue-se muito cedo, toma seu banho frio, lê os jornais e almoça. Depois do almoço vai para a repartição, de onde sai às três horas. Atravessa vagarosamente a Rua do Ouvidor, parando defronte das vitrines, sem falar a ninguém, cumprimentando apenas os raros conhecidos que encontra. Às cinco horas está em casa; janta, acende um charuto — fumar é o seu único vício — e vai passar duas horas sentado numa poltrona, contemplando o retrato da filha. Às oito horas recolhe-se ao gabinete e lê até às onze. Deita-se então, e pega imediatamente no sono. Às vezes, vai buscar Margarida, leva-a ao teatro lírico, e acompanha-a ao colégio depois do espetáculo, mas isso é raro.

Além dele, há em casa uma cozinheira que dorme fora, e um fãmullo português, o José, homem de confiança, que acumula as funções de criado de quarto, copeiro e jardineiro. Geraldo faz questão do jardim por causa dos domingos: Margarida gosta de flores.

## II

Estamos numa tarde de março de 1891. Geraldo dá um dos seus passeios habituais pela Rua do Ouvidor; para defronte da vitrine do Preço Fixo, e sente alguém pousar-lhe a mão nos ombros. Volta-se, e reconhece o Tavares, que fora seu condiscípulo no colégio Marinho — um grande estroina que se ensaiou

sem resultado em três ou quatro profissões diversas, e tem agora muito dinheiro, ganho na Rua da Alfândega em transações da Bolsa.

— Oh, Geraldo, andava morto por encontrar-te! Ia escrever-te amanhã. . .

— Estou às suas ordens.

— És ainda muito urso?

— Sou e serei. Bem sabes que há dez anos, desde que perdi minha mulher, perdi também toda a alegria, é só me comprazo na solidão e no silêncio. Se me encontras na Rua do Ouvidor, é porque, depois de azoinado por este bulício, acho ainda mais deliciosa a paz do meu tugúrio.

— Bem, mas vais sacrificar-me um dia, um dia só, desse isolamento com que comprazes: hás de jantar comigo quinta-feira.

— Eu?!

— Tu, sim; nesse dia faço quarenta anos, e quero reunir à mesa alguns amigos da minha idade.

— Sabes lá o que dizes, desgraçado! Os meus quarenta iriam ensombrar os seus! Pois queres à tua mesa um contemplativo, um urso, como tu mesmo me classificas?

— Faço questão da tua presença!

— Não! Não vou, não contes comigo. Há dez anos junto sozinho, ou, quando muito, em companhia de minha filha!

— Há dez anos que não jantas. . .

— Gosto de ti, sou teu amigo, considero-te muito, mas não terei o menor prazer neste jantar de anos.

— Oh, grande tipo, sê misantropo, mas — que diabo! — não sejas desse modo egoísta! Não se trata do teu prazer mas do meu, entendes tu? Exijo um sacrifício de tua parte, bem sei; mas, como te declaras meu amigo, tens o dever de te submeteres à minha vontade! Vens a contragosto? Que me importa! O essencial é que venhas! Quem te mandou ter quarenta anos?

Aguenta-te!

### III

Na quinta-feira aprazada Geraldo saiu da repartição às horas do costume e foi direto para casa. Não se calcula o espanto da cozinheira e do José quando o patrão lhes disse: — Janto hoje fora.

O macambúzio foi ao seu quarto, mudou de roupa, lançou um olhar saudoso ao retrato da filha e saiu.

Uma hora depois entrava em casa de Tavares, em Botafogo, e caía-lhe a alma aos pés: na sala, sentados aqui e ali, fazendo roda ao dono da casa, estavam quatro sujeitos e cinco mulheres elegantemente vestidas, empoadas, pintadas e cheias de joias e brilhantes.

Geraldo estacou entre os umbrais da porta e teve um movimento retroativo em presença de tantas *cocottes*; mas o Tavares desprendeu-se dos braços de uma delas, a mais bonita, e foi buscá-lo com um abraço.

— Bravo! Cá está o homem! Agora não falta mais nenhum! Estão reunidos seis amigos de quarenta anos. Nascemos todos em 1851. Conhecem-se?

Dos quatro sujeitos, Geraldo apenas conhecia um, o Eduardo Távora, doutor em medicina, que fora também seu condiscípulo no colégio Marinho. O Tavares apresentou-lhe os outros: o visconde do Sabugal, opulento banqueiro que há seis anos ainda era moço de padaria; o doutor Bandeira, advogado, e o Mora, um rapaz português, muito ativo mas muito pândego que tinha deitado fora duas fortunas, e desfrutava agora a terceira, que era a maior.

Seguiu-se a apresentação das *cocottes*. O Tavares principiou pela mais bonita: — *Mademoiselle* Georgina, madame Tavares até amanhã ali pelas onze horas o mais tardar; uma

parisiense que nunca pôs os pés em Paris; nasceu e cresceu em Bordeaux, e de lá veio o ano passado, contratada para as *Folie-Bergères* do beco do Império. Não fala uma palavra de português e não tem medo da febre amarela.

Geraldo cumprimentou *mademoiselle* Georgina com muito acanhamento.

— Conchita e Mercedes, ambas espanholas de Buenos Aires, como a outra é parisiense de Bordeaux, duas moscas varejeiras, atraídas pelo mel do encilhamento<sup>25</sup> dos macaquitos. A sinhá paulista que deu a volta a todas as cabeças em São Paulo e está conquistando todos os corações na Capital Federal. — Angelina — *chapeau bas!*, — a italiana mais bonita que tem pisado nas terras de Santa Cruz!

E baixinho, ao ouvido de Geraldo:

— É das nossas. Nasceu também antes do golpe de estado.

O viúvo estava atônito. Ele apertara a mão às cinco mulheres, e cada uma delas lhe impregnara um perfume diverso.

Chamou Tavares ao vão de uma janela, e disse-lhe:

— Armaste-me uma cilada. Vou fazer triste figura entre essas tipas. Não sirvo para isto.

— Ora deixa-te de luxos! Que mal podem elas fazer-te?

— Nenhum.

— Mandei buscá-las para enfeitarem a mesa. Faze de conta que são flores.

— Que flores! . . .

— Elas são cinco e nós somos seis. Sobra um, que és tu. Uma vez que o gênero não te agrada, fica isolado. Tua alma, tua palma.

Às sete horas passaram todos à sala de jantar. Os cavalheiros deram os braços às damas. Geraldo ia sozinho, no coice<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup>Encilhamento: fenômeno da especulação financeiro no Brasil nos últimos anos do Império e primeiros anos da República. Um dos seus componentes foi uma bolha de crédito financeiro, que parecia muito atrativa durante um período. [N. do E.]

<sup>26</sup>Na parte traseira, na retaguarda. [N. do E.]

desse batalhão de Citera.<sup>27</sup>

A mesa, uma mesa circular, de doze talheres, resplandecia entre flores e frutos, numa profusão de luzes que se refletiam nos cristais multicores.

O Tavares sentou-se entre a francesa e a italiana; o visconde ficou entre esta e Conchita, e junto da Conchita o Mota, e ao pé do Mota o nosso Geraldo que deixou entre si e a Mercedes uma cadeira vazia; junto da Mercedes ficou o doutor Bandeira, tendo à sua direita a sinhá e entre esta e *mademoiselle* Georgina tomou o lugar o doutor Távora.

O Mota protestou contra a cadeira vazia:

— Isto não está direito: somos seis homens e cinco senhoras!

— Estamos no Paraguai! — exclamou o doutor Távora.

— Uma sensaboria — obtemperou Tavares. — Madame Bertin ficou de trazer seis raparigas e só trouxe cinco. Eu pulo imediatamente a andar, e disse-lhe que não voltasse aqui sem a sexta. Conto que a traga. Se vier, há de sentar-se ali entre o Mota e o Geraldo.

Acabada a sopa, discretamente regada por um delicioso Madeira seco, abriu-se uma porta e apareceu na porta a figura encarquilhada da tal madame Bertin, uma francesa que brilhou entre o mulhério galante do Rio de Janeiro de 1855 a 1860, e exerce agora a ignóbil profissão de medianeira de amores fáceis.

A entrada da velha foi ruidosamente acolhida com palmas batidas por vinte mãos, que vinte e duas seriam se Geraldo não se abstivesse dessa manifestação.

— Mas que é isto? A senhora veio só?! — perguntou o Tavares, arregalando uns olhos furibundos.

---

<sup>27</sup>Refere-se ao quadro *Peregrinação à ilha de Citera* (1717), do francês Antoine Watteau. Na ilha grega de Citera houve um templo à deusa Afrodite; no quadro, vê-se uma procissão composta por pares amorosos e pequenos cupidos, próximos à estátua de Afrodite. [N. do E.]

— Não, ela está na saleta; é ainda muito acanhada.

O Tavares ergueu-se e foi à saleta. Voltou, conduzindo pela mão uma rapariga morena, muito envergonhada, com os olhos postos no chão, e tão nova, tão nova, que certamente não tinha ainda vinte anos.

— Foi o que pude encontrar, ponderou madame Bertin durante a curta ausência do Tavares.

— Passa para a outra cadeira, disse logo o Mota a Geraldo; a pequena deve ficar sentada entre nós dois. Entretenha-se o amigo com ela, porque eu cá estou muito ocupado com a Conchita.

Geraldo obedeceu enfiado, e o Tavares conduziu a recém-chegada até a cadeira vazia.

— Quanto à senhora — disse o Tavares retomando o seu lugar e dirigindo-se a madame Bertin — vá lá para a copa; coma e beba à vontade!

— Sim, aduziu o visconde; aqui não há lugar para mais ninguém, não queremos ser treze à mesa.

— E demais, acrescentou o Mota, não podem tomar parte neste jantar pessoas que tenham mais de quarenta anos.

Todos se riram e madame Mertin desapareceu.

Depois dos dois primeiros pratos, acompanhados o primeiro por um rico Sauternes e o segundo por um riquíssimo Pomard, notou Geraldo que cada um dos comensais se ocupava muito particularmente de uma das suas vizinhas. O Tavares bebia pelo copo de *mademoiselle* Georgina. O doutor Távora passara o braço em volta da cintura da sinhá. O advogado segredava não sei o que ao ouvido da Mercedes, que revirava languidamente os olhos. O Mota cantarolava um trecho de zarzuela, tamborilando nas costas de Conchita. O visconde, que se queixava do calor, entrelaçava os dedos nos de Angelina. Só Geraldo e a última chegada se conservavam sisudos, como se assistissem a um banquete de muita cerimônia.



— Então que é isso, Geraldo? — vociferou o Tavares. — Não dizes palavra a essa pobre moça? Não lhe fazes a corte? Sê romano em Roma, meu velho! Esquece-te dos teus velhos desgostos! Transforma-te!

Geraldo, efetivamente, começava a sentir a necessidade de transformar-se, para não ser ridículo.

— Como se chama? — perguntou à sua vizinha, num tom de voz brando e carinhoso.

— Laura.

— É filha mesmo daqui?

— Sou de Resende.

— Já não tem pai nem mãe?

— Ânimo, Geraldo! — vociferou o Tavares.

— Tenho mãe; meu pai morreu quando eu era pequenina.

— Vive em companhia de sua mãe?

A moça estranhou a pergunta, e volveu para o seu interlocutor uns olhos muito espantados. Depois caiu em si, refletiu que a curiosidade do outro era uma coisa muito natural, e respondeu:

— Não, senhor.

— Com quem vive então?

— Vivo sozinha. Eu era casada, mas deixei meu marido.

— Por quê?

— Porque não gostava dele. Mamãe obrigou-me a casar contra a vontade. Eu gostava de um moço que me tirou do meu marido, me trouxe para o Rio de Janeiro e me abandonou no hotel. Não conheço ninguém nesta terra e se não fosse madame Bertin...

A conversação continuou por algum tempo, nesse terreno simples e inocente; continuaria ainda se o *punch à la romaine* que no menu, delicadamente impresso em ventarolas de seda, figurava como o *coup du milieu*, não se combinasse com o Madeira, o Sauternes e o Pammard para a transformação de Ge-

raldo. Porque, digamo-lo, o nosso viúvo, como todos os homens melancólicos, gostava de fazer honra aos bons vinhos.

Às nove horas, quando estourou a champanha, todos os convivas, inclusive a bisonha Laura, fumavam magníficos cigarros egípcios, “dos que fuma o quediva”,<sup>28</sup> observava o Tavares, que não perdia ensejo de encarecer os seu regabofe. A sala enchia-se de fumo. O doutor Bandeira e a Mercedes beijavam-se descaradamente.

A sinhá, para ficar mais à vontade, pedia ao doutor Távora que lhe desabotoasse o corpinho. O Tavares ia buscar com os lábios as uvas que *mademoiselle* Georgina prendia entre os dentes, e dizia-lhe umas coisas num francês capaz de fazer tremer de indignação a sombra de Bossuet. O Mota, embriagado, recostava-se no colo da Conchita, que o penteava com os dedos. O visconde, que se pusera em mangas de camisa, abraçava voluptuosamente a italiana, e gaguejava um brinde “ao nosso Anfitrião”, brinde a que ninguém prestava ouvidos. Geraldo e Laura, de mãos dadas, faziam protestos de não se separarem naquela noite.

#### IV

Às onze horas, quando os convivas se levantaram da mesa, Geraldo, ébrio de vinho e de volúpia, apoiou-se à cadeira para não cair. Foi para a saleta, e Laura acompanhou-o até um divã, onde se sentaram, ambos, de mãos dadas, ele saboreando um havana, ela fumando, por obrigação, desajeitadamente, outro cigarro dos que fuma o quediva.

O visconde e os doutores desapareceram com as vizinhas respectivas. Só ficaram Geraldo e o Mota — tão bêbado este, que o Tavares mandou preparar-lhe o quarto de hóspedes. Con-

---

<sup>28</sup>Título do vice-rei do Egito, durante a vigência do Império Otomano. [N. do E.]

chita, afetuosa e solícita, ofereceu-se para fazer-lhe companhia durante a noite.

O Tavares aproximou-se de Geraldo, a rir-se:

— Deitaste as manguinhas de fora, hein, meu santarrão?

Geraldo limitou-se a sorrir, lançando uma baforada de fumo.

— Olha, eu quis ser gentil para contigo, continuou o Tavares; mandei aparelhar a vitória,<sup>29</sup> para acompanhares a pequena à casa dela... ou à tua...

— À minha — redarguiu Geraldo —; ela já me disse que ainda não tem casa.

## V

Quando a vitória de Tavares se pôs em movimento, conduzindo Laura e Geraldo, este bafejado pelo ar fresco da noite, foi pouco a pouco recuperando a consciência nítida dos seus atos, e medindo toda a extensão dos excessos a que se entregara.

Sinceramente arrependido de ter aceitado o convite do Tavares, comparecendo a um jantar que degenerara em orgia, achava agora um incômodo trambolho a infeliz rapariga que ali ia atirada no fundo daquele carro, com as pálpebras cerradas, ignobilmente vendida à concupiscência.

Perdera de súbito aquele desejo que à mesa lhe despertara os sentidos; achava-se paternal junto dessa mulher, e velho demais para ela, que era quase uma criança.

E lembrava das histórias que Laura lhe contara durante o jantar: o seu casamento, a sua fuga, a sua desgraça; e o coração enchia-se de piedade e azedume. Tudo aquilo devia ser verdade; ela não tinha ainda o feitio da *cocotte*, era ainda noviça na profissão: não devia saber mentir.

E Geraldo perguntava aos seus botões:

---

<sup>29</sup>Modelo inglês de carruagem, chamado assim em referência à rainha Vitória. [N. do E.]

— Que vou eu agora fazer desta pequena?

Depois, lembrou-se da última vez em que andara de carro. Havia já alguns meses. Foi uma noite em que levava a filha aos *Huguenotes* e teve que restituí-la ao colégio depois do espetáculo. Como ameaçava chover, tomaram um carro no largo da Carioca. Margarida ia assim, como Laura, atirada para o fundo do carro, com as pálpebras cerradas.

— Valha-me Deus! Que vou eu agora fazer desta pequena?

## VI

À uma hora, Geraldo apeava-se do carro e batia à porta de casa. Veio abrir-lhe o José, que esperava a pé firme, e notou, surpreso, que o patrão viera acompanhado por uma mulher. A princípio supôs fosse a menina, que tivesse ido com o pai ao teatro e uma circunstância qualquer impedisse de voltar para o colégio — mas qual não foi o seu espanto ao ver que se tratava de um contrabando, o primeiro que entrava naquela casa!

— Pode recolher-se — disse Geraldo.

O criado sumiu-se, e o patrão abriu a porta da sala, convidando Laura a entrar.

Entraram, e ele imediatamente acendeu o gás.

A rapariga olhou com curiosidade em volta de si e o retrato de Margarida chamou-lhe logo a atenção.

— Que moça tão bonita e simpática! — exclamou. — Parece uma santa! Quem é?

— Minha filha.

— Sua filha? Que idade tem?

— Dezesete anos.

— Tem a minha idade.

Geraldo estremeceu.

— Tem também dezesete anos?

— Nasci em 1874.

— Sim. . . E em que mês?

— Em abril, no dia 27 de abril.

O viúvo empalideceu e ficou a olhar para a rapariga com uma expressão singular. Depois sorriu, pareceu refletir, foi ao seu quarto, abriu um guarda roupa, e tirou do gavetão uma camisa de mulher que ali estava religiosamente guardada havia dez anos, com outras roupas que eram o espólio sagrado da morta.

— Aqui tem uma camisa de dormir. Dispa-se e deite-se.

Laura ficou sozinha no quarto. Ele esperou que ela se despisse e se deitasse, trouxe para a sala as suas roupas úmidas e estendeu-as nas cadeiras para secarem, apanhando o ar que entrava timidamente pelas venezianas.

Tornou à alcova. Laura estava deitada. Tinha vestido a camisa. Bocejava. Parecia morta de sono. Geraldo cobriu-a com um lençol, e perguntou-lhe:

— Gosta de dormir com luz?

— Gosto.

Ele acendeu uma lamparina e apagou o gás. Depois, aproximou-se da cama, abaixou-se, beijou a sua hóspede na fronte, e disse-lhe:

— Boa noite, Laura; durma bem.

— Oh, então o senhor não se deita comigo?

— Não.

— Por quê?

— Porque você nasceu no mesmo dia em que nasceu minha filha.

Ela compreendeu, ficou muito triste e murmurou:

— Boa noite.

Geraldo foi para a sala, despiu-se e deitou-se no canapé. Refletiu que Laura iria talvez fazer mau juízo de sua virilidade, e espalhar por aí que ele não era um homem. Um ins-

tante quis erguer-se para justificar-se positivamente. . . Mas não; separava-os aquela data: 27 de abril de 1874; seria quase um incesto! Adormeceu e passou toda a noite no canapé.

Levantou-se pela manhã, foi à alcova, e encontrou Laura acordada. Indicou-lhe a toilette num quarto adjacente, e levou-lhe as roupas que ficaram na sala a secar. Depois, serviu-lhe uma xícara de café com leite e biscoitos.

Às oito horas e meia, Laura estava vestida. Geraldo chamou o José e deu-lhe ordem para acompanhá-la até a sua casa. Quando ela ia sair, ele meteu-lhe nas mãos um envelope contendo uma nota de cem mil réis, beijou-a na fronte, e disse-lhe:

— Adeus, minha filha.

E pôs-se à janela, e acompanhou-a com a vista até vê-la dobrar a esquina, com muita pena de não poder tirá-la para sempre daquela vida.

Depois, foi contemplar o retrato de Margarida.

## 20

# A ÁGUA DE JANOS

### I

O TENENTE DE CAVALARIA Remígio Soares teve a infelicidade de ver uma noite dona Andrea num camarote do Teatro Lucinda, ao lado de seu legítimo esposo, e pecou, infringindo impiamente o nono mandamento da lei de Deus.

A “mulher do próximo”, notando que a “desejavam”, deixou-se impressionar por aquela farda, por aqueles bigodes e por aqueles belos olhos negros e rasgados.

Ao marido, interessado pelo enredo do dramalhão que se representava, passou completamente despercebido o namoro aceso entre o camarote e a plateia.

Premiada a virtude e castigado o vício, isto é, terminado o espetáculo, o tenente Soares acompanhou a certa distância o casal até o largo de São Francisco e tomou o mesmo bonde que ele — um bonde do Bispo<sup>30</sup> —, sentando-se, como por acaso, ao lado de dona Andrea.

Dizer que no bonde o pé do tenente e o pezinho da moça não continuaram a obra encetada no Lucinda seria faltar à verdade que devo aos meus leitores. Acrescentarei até que, ao sair do bonde, na pitoresca Rua Malvino Reis, dona Andrea, com rápido e furtivo aperto de mão, fez ao seu namorado as mais concludentes e escandalosas promessas.

---

<sup>30</sup>Refere-se aos bondes que iam e vinham da Rua do Bispo, bairro do Rio Comprido, na Zona Norte fluminense. [N. do E.]

Ele ficou sabendo onde ela morava. . .

## II

O Tenente Remígio Soares foi para casa, em São Cristóvão, e passou o resto da noite agitadoíssimo — pudera! Às dez horas da manhã atravessava já o Rio Comprido ao trote do seu cavalo!

Mas — que contrariedade! — as janelas de dona Andrea estavam fechadas.

O cavaleiro foi até a rua de Santa Alexandrina e voltou — patati, patatá, patati, patatá! — e as janelas não se tinham aberto.

O passeio foi renovado à tarde — o tenente passou, tornou a passar — continuavam fechadas as janelas. . .

Malditas janelas!

Durante quatro dias o namorado foi e veio a cavalo, a pé, de bonde, fardado, à paisana: nada! Aquilo não era uma casa: era um convento!

Mas ao quinto dia — oh, ventura! — ele viu sair do convento um molecote que se dirigia para a venda próxima. Não refletiu: chamou-o de parte, untou-lhe as unhas<sup>31</sup> e interpelou-o.

Soube nessa ocasião que ela se chamava Andrea. Soube mais, que o marido era empregado público e muito ciumento! Proibia expressamente a senhora sair sozinha e até chegar à janela quando ele estivesse na rua. Soube, finalmente, que havia em casa dois Cérberos: uma tia do marido e um jardineiro muito dedicado ao patrão.

Mas o providencial moleque nesse mesmo dia se encarregou de entregar à dona Andrea uma cartinha do inflamado

---

<sup>31</sup>“Untar as unhas”: dar dinheiro; oferecer propina a alguém para obter favores ou informações. [N. do E.]



tenente, e a resposta — digamo-lo para vergonha daquela formosa desmiolada —, a resposta não se fez esperar por muito tempo:

“Pede-me uma entrevista, e não imagina como desejo satisfazer a esse pedido, porque também o amo. Mas uma entrevista como? Onde? Quando? Saiba que sou guardada à vista por uma senhora de idade, tia dele, e por um jardineiro que lhe é muito dedicado. Pode ser que um dia as circunstâncias se combinem de modo que nos possamos encontrar a sós. . . Como há um Deus para os que se amam, esperemos que chegue esse dia: até lá, tenhamos um pouco de paciência. Mande-me dizer onde de pronto o poderei encontrar no caso de ter que prevenilo de repente. O moleque é de confiança.”

Na esperança de que o grande dia chegasse, o Tenente Remígio Soares mudou-se imediatamente para perto da casa de dona Andrea: procurou e achou um cômodo de onde se via, meio encoberta pelo arvoredado, a porta da cozinha do objeto amado. Dessa porta dona Andrea fazia-lhe um sinal convencionado todas as vezes que desejava enviar-lhe uma cartinha.

### III

Diz a clássica sabedoria das nações que o melhor da festa é esperar por ela.

Não era dessa opinião o tenente, que há dezoito meses suspirava noite e dia pela mulher mais bonita de todo aquele bairro do Rio Comprido, sem conseguir trocar uma palavra com ela!

O namorados, graças ao molecote, correspondiam-se epistolarmente, é verdade, mas essa correspondência, violenta e ferosa, contribuía para mais atizar a luta entre aqueles dois desejos e aumentar o tormento daquelas duas almas.

## IV

Os leitores — e principalmente as leitoras — me desculparão de não pôr no final deste conto um grão de poesia; tenho de concluí-lo um pouco à Armand Silvestre. Em todo caso, verão que a moral não é sacrificada.

O meu herói andava já obsedado, menos pelo que acreditava ser o seu amor, que pelos dezoito meses de longa expectativa e lento desespero.

Um dia, o Barroso, seu amigo íntimo, seu confidente, foi encontrá-lo muito abatido, sem ânimo de se erguer da cama.

— Que tens tu?

— Ainda mo perguntas...

— Tem paciência: Jacob esperou quatorze anos.

— Esta coisa tem-me posto doente. Bem sabes que eu gozava uma saúde de ferro. Pois bem, neste momento a cabeça pesa-me uma arroba, tenho tonteiras...

— Isso é calor: a tua Andrea não tem absolutamente nada que ver com esses fenômenos patológicos. Queres um conselho? Manda buscar ali à botica uma garrafinha de água de Janos.<sup>32</sup> É o melhor remédio que conheço para aliviar a cabeça.

O tenente aceitou o conselho, e o Barroso despediu-se dele depois que o viu esvaziar um bom copo da benemérita água.

Vinte minutos depois dessa libação desagradável, Remígio Soares viu assomar ao longe, na porta da cozinha, o vulto airoso de dona Andrea, anunciando-lhe uma carta.

Pouco depois entrava o molecote, entregava-lhe um bilhete escrito às pressas.

“A velha amanheceu hoje com febre e não sai do quarto. O jardineiro foi à cidade chamar um médico de confiança dela.

---

<sup>32</sup>Um poderoso laxante, de sabor amargo. [N. do E.]

Vem depressa, mal recebas este bilhete: há de ser já, ou nunca o será talvez.”

O tenente soltou um grito de raiva: a água de Janos começava a produzir os seus efeitos fatais; era impossível acudir ao doce chamado de dona Andrea!

Era impossível também confessar-lhe a causa real do não comparecimento: nenhum namorado faria confissões dessa ordem. . .

O mísero pegou na pena, e escreveu, contendo-se para não fazer outra coisa:

“Que fatalidade! Um motivo poderosíssimo constrange-me a não ir. . . Quando algum dia haja certa intimidade entre nós, dir-te-ei qual foi esse motivo, e tenho certeza de que me perdoarás.”

Dona Andrea não perdoou. O Tenente Remígio Soares nunca mais a viu.

#### IV

Quando, no dia seguinte, ele contou ao Barroso a desgraça de que este fora o causador involuntário, o confidente sorriu, e obtemperou:

— Vê tu que grande remédio é a água de Janos: um só copo bastou para aliviar três cabeças!

# 21

## A MARCELINA

### I

NAQUELE TEMPO (não há necessidade de precisar a época), era o doutor Pires de Aguiar o melhor freguês da alfaiataria Raunier e uma das figuras obrigadas da Rua do Ouvidor. Como advogado diziam-no de uma competência um pouco duvidosa, o que aliás não obstava que ele ganhasse muito dinheiro, mas como janota — força é confessá-lo — não havia rapaz tão elegante no Rio de Janeiro.

Quando lhe perguntavam a idade, respondia invariavelmente:

— Orço pelos quarenta — e durante muito tempo não deu outra resposta. Os seus contemporâneos de Academia atribuíam-lhe cinquenta, bem puxados. As senhoras, essas não lhe davam mais que trinta e cinco.

Ele tinha um fraco pelas mulheres de teatro. Consistia o seu grande luxo em ser publicamente o amante oficial de alguma atriz. Não fazia questão de espírito nem beleza; o indispensável é que ela ocupasse lugar saliente no palco, e fosse aplaudida e festejada pelo público. Não era o amor, era a vaidade que o conduzia à nauseabunda Citera dos bastidores.

Essas ligações depressa se desfaziam; duravam enquanto durava o brilho da estrela; desde que esta começava a ofuscar-se, ele achava um pretexto para afastar-se dela e procurar imediatamente outra. Como era inteligente e generoso — muito

mais generoso que inteligente — nunca ficava mal com o astro caído.

Algumas vezes o rompimento era provocado por elas — pelas de mais espírito — que facilmente se enfaravam de um indivíduo tão preocupado com a própria pessoa, e tão vaidoso das suas roupas.

## II

No tempo em que se passou a ação deste ligeiro conto, a conquista do doutor Pires de Aguiar era uma atriz portuguesa, a Clorinda, que viera de Lisboa apregoada pelas cem trombetas do reclame, e cuja estreia, num dos nossos teatrinhos de opereta, o público esperava ansiosamente.

Uma hora antes de começar o espetáculo de estreia, entrou o advogado triunfantemente na caixa do teatro, levando pelo braço a sua nova amiga, elegantemente envolvida numa soberba de pelúcia. Ia fazer-lhe entrega do camarim, cujo arranjo confiara liberalmente ao bom gosto e à perícia dos mais hábeis tapeceiros e estofadores.

Ela ficou encantadíssima, agradeceu com beijos quentes sonoros a dedicada solicitude do amante.

Que belo tapete felpudo! Que bonitos quadros! Que papel escolhido! Que delicioso divã! Que magnífico espelho de faces, onde o seu vulto airoso se refletia três vezes por inteiro! E que profusão de perfumarias! E que precioso serviço de *toilette*!

Nada faltava também sobre a mesinha da maquilagem, ricamente iluminada por dois bicos de gás.

O doutor Pires de Aguiar tinha longa prática desses arranjos; não podia esquecer-se de nenhum dos ingredientes necessários no camarim de uma atriz que se respeita; o arsenal estava completo.

Dali a nada ouviu-se um “Dá licença?”, e o diretor de cena entrou no camarim, acompanhado por uma mulher já idosa, muito pálida, de aspecto doentio, pobremente trajada.

— Dona Clorinda, aqui tem a sua costureira.

A estrela não conteve um gesto de despeito. O diretor de cena compreendeu-o, e saiu imediatamente, para não entrar em explicações.

— É doente? — perguntou Clorinda à costureira.

— Não, senhora. Tive uma doença grave, mas agora estou boa. Saí há dois dias da Santa Casa.

Clorinda trocou um olhar com o advogado, e este disse-lhe, refestelando-se no divã:

— *Ma chère, il faut se contenter de cette habilleuse; nous ne sommes pas en Europe.*<sup>33</sup>

Ele impingiu a frase em francês, para que não a entendesse a costureira, mas a verdade é que Clorinda também não percebeu, o que aliás não a impediu de responder: — *Oui*.

Despojada da mantilha e da bela capa de pelúcia, Clorinda sentou-se entre os dois bicos de gás, e começou a pintar-se, dizendo: — Vamos a isto!

E dirigindo-se à costureira:

— Sente-se. Por que está de pé?

A pobre mulher sentou-se a medo, como receosa de macular a palhinha doirada da cadeira com o seu miserável vestido de chita.

— Sabe que me disseram bonitas coisas a seu respeito? — perguntou a atriz ao advogado, olhando-o pelo espelho.

— Deveras?

— Ao que me parece, você tem sido um gajo!

O doutor Pires de Aguiar teve um sorriso inexprimível. Aquele *gajo* entrou-lhe pela vaidade adentro como uma grã-cruz.

<sup>33</sup>“Minha querida, esteja contente com esta costureira; não estamos na Europa.” [N. do E.]

— Com que, então, a sua especialidade são as atrizes?  
— Sou doido pelo teatro.  
— E há quanto tempo dura essa doidice?  
— Há muito tempo. Estou velho, bem vê. Orço pelos quarenta.

— Ninguém lhe dará mais de trinta e cinco.

— São os seus olhos.

— Qual foi a sua primeira paixão no teatro?

— Ah! Isso. . .

O advogado levantou o braço e estalou os dedos.

— Isso é pré-histórico; perde-se na noite dos tempos.

— Como se chamava essa colega?

— Chamava-se Marcelina.

— Que fim levou?

Ele encolheu os ombros.

— Sei lá! Provavelmente morreu. Nunca mais ouvi falar dela. Há mulheres que desaparecem como os passarinhos que não foram mortos a tiro nem engaiolados: ninguém lhes vê os cadáveres.

— Gostou dela?

— Foi talvez a paixão mais séria da minha vida.

— Nunca mais a procurou?

— Para quê?

— Tinha talento?

— Talento? Não. Tinha habilidade.

E, depois de uma pausa:

— Tinha habilidade e era muito boa rapariga.

— Brasileira?

— Sim. Representava ingênuas em dramalhões de capa e espada, ali, no São Pedro de Alcântara. Um dia — eu já a tinha deixado — um dia patearam-na por motivos que nada tinham que ver com a arte dramática; ela desgostou-se; andou

mourejando pelas províncias, e afinal desapareceu. *Requiescat in pace!*

Entrou o cabeleireiro. Enquanto Clorinda lhe confiou a cabeça, o doutor Pires de Aguiar divagou longamente sobre os méritos da Marcelina; depois falou de outras atrizes, desfiando o interminável rosário das suas mancebias.

Clorinda, a costureira e o cabeleiro ouviam sem dizer palavra.

Terminado o serviço do cabeleireiro, que logo se retirou, Clorinda ergueu-se:

— Agora, meu doutor, há de me dar licença, sim? Vou vestir-me.

— Até logo, disse o advogado. O seu penteado ficou esplendido! Vou aplaudi-la. *Bonne chance!*

Deu-lhe um beijo — na testa para não desmanchar a pintura — e saiu do camarim, cuja porta a costureira discretamente fechou.

### III

Minutos depois, Clorinda estava completamente nua.

— A senhora é muito bem feita de corpo, disse-lhe, num tom adulatório, a costureira, enfiando-lhe pela cabeça uma camisa de seda.

— Acha? — perguntou desdenhosamente a atriz.

— Ah, eu também já fui bem feita de corpo, mas não tive juízo: fei-me demais nos homens. Se quer aceitar um conselho, filha, preste mais atenção à sua arte do que a todos esses... gajos, que fazem das mulheres um objeto de luxo e nada mais. Só assim a senhora evitará o hospital e a miséria.

— Ora esta! — exclamou Clorinda. — Quem é você, mulher, para me falar assim?

— Eu sou... a Marcelina.



# **RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS, REA**

Em junho de 2012, houve um Congresso Mundial de Recursos Educacionais Abertos, reunido pela UNESCO na capital da França. Ressaltamos este aspecto da Declaração de Paris:

REA são materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra.



**CRATIVE COMMONS**

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

# **CADERNOS DO MUNDO INTEIRO**

[cadernosdomundointeiro.com.br](http://cadernosdomundointeiro.com.br)

---

Este livro foi composto com a tecnologia  $\text{T}_{\text{E}}\text{X}/\text{L}^{\text{A}}\text{T}_{\text{E}}\text{X}$ . A fonte empregada é Fourier New Century Schoolbook, nos tamanhos 25 para os títulos e 14/18 para os textos, sobre desenho tipográfico de Morris Fuller Benton, Estados Unidos, 1919.